

Alessandro Ribeiro Lima

TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

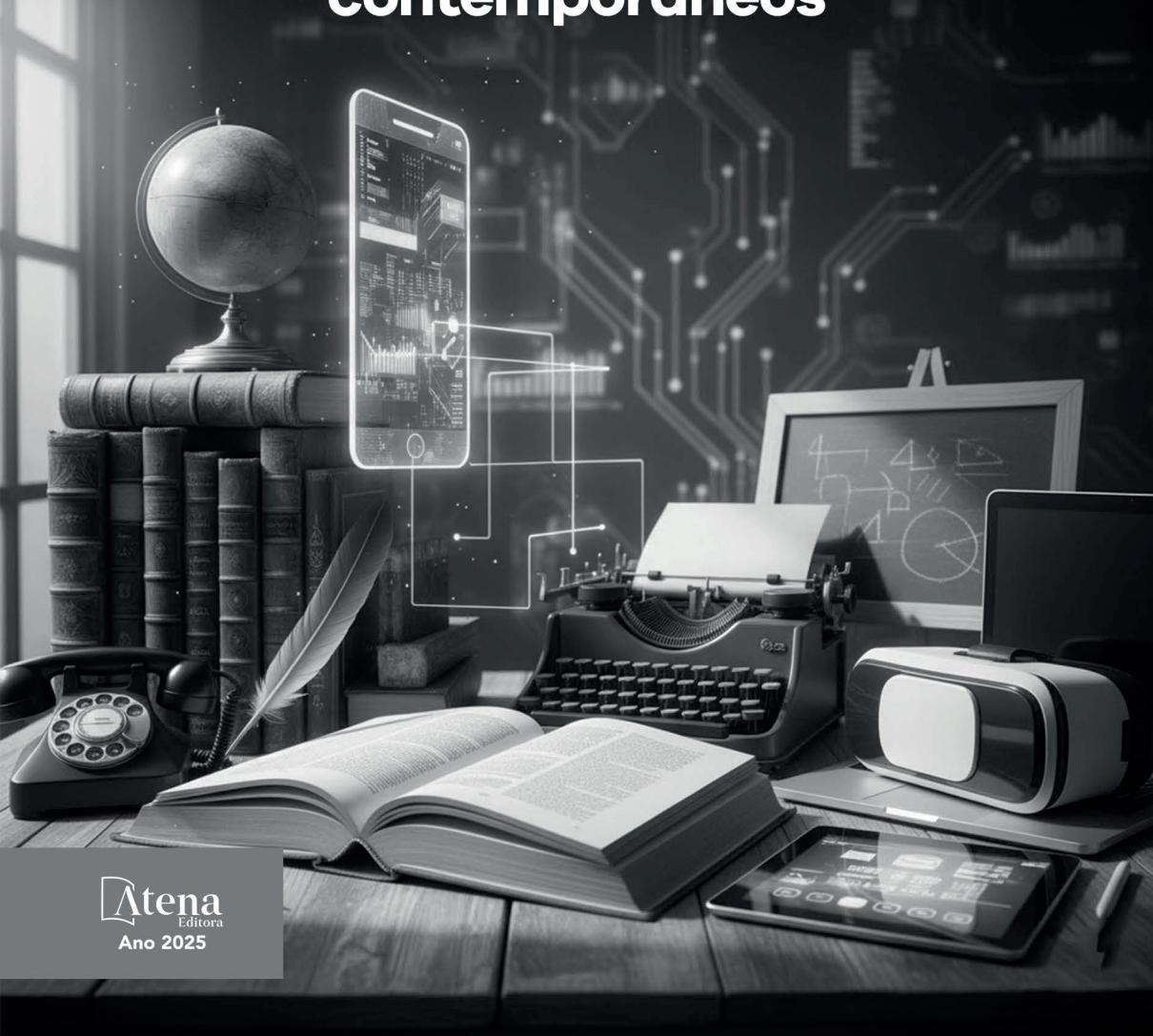
trajetória e desafios contemporâneos



Alessandro Ribeiro Lima

TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

**trajetória e desafios
contemporâneos**



2025 by Atena Editora

Copyright © 2025 Atena Editora

Copyright do texto © 2025, o autor

Copyright da edição © 2025, Atena Editora

Os direitos desta edição foram cedidos à Atena Editora pelo autor.

Open access publication by Atena Editora

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira Scheffer

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Yago Raphael Massuqueto Rocha



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo desta obra, em sua forma, correção e confiabilidade, é de responsabilidade exclusiva dos autores. As opiniões e ideias aqui expressas não refletem, necessariamente, a posição da Atena Editora, que atua apenas como mediadora no processo de publicação. Dessa forma, a responsabilidade pelas informações apresentadas e pelas interpretações decorrentes de sua leitura cabe integralmente aos autores.

A Atena Editora atua com transparência, ética e responsabilidade em todas as etapas do processo editorial. Nosso objetivo é garantir a qualidade da produção e o respeito à autoria, assegurando que cada obra seja entregue ao público com cuidado e profissionalismo.

Para cumprir esse papel, adotamos práticas editoriais que visam assegurar a integridade das obras, prevenindo irregularidades e conduzindo o processo de forma justa e transparente. Nosso compromisso vai além da publicação, buscamos apoiar a difusão do conhecimento, da literatura e da cultura em suas diversas expressões, sempre preservando a autonomia intelectual dos autores e promovendo o acesso a diferentes formas de pensamento e criação.

Tecnologia na educação: trajetória e desafios contemporâneos

| Autor:

Alessandro Ribeiro Lima

| Revisão:

O Autor

| Diagramação:

Nataly Gayde

| Capa:

Yago Raphael Massuqueto Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732 Lima, Alessandro Ribeiro

Tecnologia na educação: trajetória e desafios contemporâneos / Alessandro Ribeiro Lima. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2025.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-3835-9
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.359252411>

1. Tecnologia educacional. I. Lima, Alessandro Ribeiro. II. Título.

CDD 371.3944

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

📞 +55 (42) 3323-5493

📞 +55 (42) 99955-2866

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto: contato@atenaeditora.com.br)

CONSELHO EDITORIAL

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Ariadna Faria Vieira – Universidade Estadual do Piauí
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Cláudio José de Souza – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Prof^a Dr^a. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Elio Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Glécilla Colombelli de Souza Nunes – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Cândido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia
Prof^a Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

SUMÁRIO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

A TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO ANTES DOS ANOS 1990 2

As primeiras aproximações entre tecnologia e ensino	4
O surgimento da informática educativa nos anos 1990	5
Desafios da educação tecnológica contemporânea.....	5
O ensino antes da era digital	8
Professor sendo o eixo do conhecimento	10
A biblioteca escolar e o acesso limitado do Saber	11
As enciclopédias: fontes renomadas do conhecimento.....	12
Desigualdades regionais e estruturais	13
Processo de pesquisa e aprendizagem.....	14
Sala de Aula	15
Relação do papel familiar com a escola.....	16
Esforço intelectual e manual dos alunos	16
Transição para a era digital.....	17
Memória da educação	17
Comparando as mudanças.....	17
Lições do passado.....	18
A inserção das tecnologias na educação.....	20
A chegada da internet nas escolas.....	22
O papel do professor na era digital.....	24
Cultura digital na transformação do aluno.....	25
Inclusão e desigualdade no acesso	25
Tecnologias da atualidade na sala de aula.....	26
A transformação do ambiente escolar na era digital.....	26
A transformação do ambiente escolar	29

SUMÁRIO

SUMÁRIO

BULLYING E A TECNOLOGIA.....	33
O que é bullying.....	34
O bullying no ambiente escolar.....	36
Violência escolar.....	37
Bullying	40
O ambiente escolar.....	43
As características do bullying	45
Os tipos e formas de bullying	45
Os envolvidos no bullying: vítima, agressor, espectador, pedagogo e a família.....	47
O perfil da vítima do bullying	49
O perfil do agressor	51
O espectador	52
Pedagogo como docente, professor e o bullying.....	53
A família e a violência escolar.....	55
As consequências do bullying.....	56
CONCLUSÃO	61



INTRODUÇÃO

Hoje em dia, nós vivemos em um tempo digital, onde o fluxo de informação está ficando cada vez mais intenso. Com isso, o uso de dispositivos tecnológicos conectados à rede de internet permite que as informações possam ser compartilhadas quase que de maneira instantânea, independentemente do local que a informação se originou. Dessa forma, somos bombardeados com diversos tipos de informações. Atualmente, com um computador conectado à internet é possível aprender diversas coisas, desde consertar um aparelho doméstico até construir uma casa.

A era da informação modificou a percepção das pessoas com relação ao ensino. Chegando até mesmo em nos fazer repensar o papel da figura do docente enquanto mediador do conhecimento.

A TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO ANTES DOS ANOS 1990



Antes do nosso mundo virar digital e se tornasse o que vivemos hoje, a educação se apresentava de forma tímida, resistente e receosa com a introdução das tecnologias nesse ambiente. Este livro examina o cenário educacional no que concerne à tecnologia, ao desenvolvimento, aos desafios, e ao Bullying no ambiente escolar como paradigma atual. Tudo isso que vivemos hoje foi fruto de um tempo vivido em que ferramentas, como o rádio, televisão e o projetor, passaram a desafiar o ensino arcaico. Mais do que descrever esse cenário, os desafios, este livro traz sobre o Bullying, prática em pauta na sociedade, sempre sendo atual, porém hoje como nunca discutido. Ressaltando que os aspectos tecnológicos na educação despertaram formas e desafios para a educação, técnicas e medidas sociais.

A proposta do nosso livro é refletir sobre a evolução, experiências, desafios e trajetórias que contribuíram para alterar a relação entre aluno-professor, aluno-aluno, aluno-conhecimento, e como se procedeu no ensinar, o Bullying termo recente na linguagem escolar do Brasil. Essa discussão abre novas fronteiras para uma visão mais ampliada sobre a escola no processo de aprendizagem. Nesse aspecto, percebemos que gradativamente a sociedade foi sendo impulsionada tecnologicamente, algo que não nasceu com o simples uso de máquinas, mas da utilização humana em transformar o conhecimento em experiência viva.

A comunidade escolar é, antes de tudo, um retrato da sociedade e reflexo do que existe e já existiu. Em cada sala de aula, quadro negro, caderno usado, é possível ver um pouco da história de uma geração. Antes do surgimento da internet e das tecnologias na educação, o ensino brasileiro vivia outro ritmo e processo, quando as coisas ocorriam de forma mais mecânica, mais lenta, mais artesanal, porém igualmente importante. Era o tempo do giz que demarcava perguntas e respostas no quadro, e do papel amarelado. Ambos faziam parte de um tempo em que os alunos viajavam apenas pela voz do professor e pela sua leitura.

Nessa senda, as coisas ocorriam aparentemente distantes da modernidade, contudo algo foi mudando com passar do tempo. Aos poucos, foram aparecendo no ambiente escolar, aparelhos que permitiam os alunos experimentarem sensações a partir de sons e imagens, reproduzidas por equipamentos, que aproximavam as salas de aulas do conteúdo ministrado pelo professor. Um rádio ligado num canto, uma fita cassete rodando lentamente, uma televisão exibindo um programa educativo – pequenos lampejos de um futuro que ainda era mistério.

A tecnologia antes dos anos 1990 não era um luxo; era uma tentativa. Tentava-se ensinar com aquilo que se tinha: engenho, vontade e curiosidade. Muitos professores acabavam improvisando, alunos ficavam encantados e as escolas descobriram que aprender podia ser mais do escrever e fazer provas. Dessa forma, nasciam os primeiros passos para a integração dos dispositivos tecnológicos na educação.

Hoje em dia, se utilizarmos um rádio para mediar a aprendizagem, pode parecer algo arcaico, porém ainda assim representa o uso de tecnologias na educação, embora esse fator tenha sido mais evidente quando surgiu esse equipamento com uso voltado para a educação. Mas até os dias atuais, representa sim um tipo de tecnologia que pode ser e já foi utilizada no processo de ensino e aprendizado. Pode não ser o mais atual, mas ainda é sim um equipamento que pode fazer a mediação entre o aluno e o conhecimento.

As primeiras aproximações entre tecnologia e ensino

Viajando no tempo, se pensarmos no passado de certa forma podemos compreender melhor a jornada das tecnologias no ambiente escolar, e dessa forma entender o presente e até sonhar com o futuro. Na metade do século XX, o nosso país passou a experimentar algumas mudanças significativas no campo da educação. Algumas escolas buscavam sair da monotonia e apresentar um ensino mais expressivo, sair da lousa e do livro para incluir novas possibilidades.

Assim, surge o rádio como ferramenta nesse processo, sendo um dos primeiros a ocupar espaço no campo acadêmico. A voz de outros professores e de sons diversos quebrou distâncias e tornou-se instrumento para ensinar e aprender, especialmente em regiões mais afastadas das grandes cidades. A programação educativa transmitia Audi aulas de diversas matérias, como português, matemática, geografia, atualidades e outras. Cabe ressaltar que também nesse mesmo âmbito, o rádio foi também utilizado para dar orientações sobre saúde. A cada aula transmitida, simbolizava uma ponte que se construía entre o saber e o aluno.

Logo depois, a televisão educativa ganhou força. Era a mesma coisa, como se o mundo coubesse dentro daquele aparelho. Agora, além de sons, ele permitia a reprodução do uso de imagens coloridas, permitindo gerar novas experiências, histórias contadas, com mais fidelidade aos fatos, tudo isso, tornavam as aulas e o aprendizado mais vivo, movimentado e emocionante. Para muitos professores, isso representou um novo desafio, pois era necessário conciliar essa novidade com o tradicional, pois nem sempre havia o mesmo repertório e disponibilidade para replicar a televisão nas aulas e o foco do ensino era a formação do cidadão.

O surgimento da informática educativa nos anos 1990

O início da década de 1990 marcou uma mudança decisiva na relação entre tecnologia e educação. O que antes se limitava a experiências pontuais com rádio, televisão e projetores começou a ganhar nova dimensão com a chegada dos computadores às escolas. A tecnologia educativa emergia como símbolo da modernidade, trazendo assim um viés de inovação, mas também de paradigmas e desafios.

O acesso à tecnologia sempre foi de forma desigual. Poucas instituições possuíam salas de informática e quando possuíam não dispunham de equipamentos, e com a utilização dos computadores no ambiente escolar, seu uso inicial estava frequentemente associado a atividades tecnicistas, como a digitação e noções de programação. Assim, aos poucos a presença desse dispositivo despertava um novo olhar e curiosidade sobre o ensino, estimulando novos usos e discussões para inserção de metodologias e o papel do professor diante dessas transformações.

O final da década de 1990 e o início dos anos 2000 marcaram o início de uma era, em que se deu uma verdadeira revolução informática, algo que também ocorreu no âmbito escolar na forma de ensinar e aprender. A tecnologia passou a ser inserida no dia a dia das escolas. Cabe ressaltar que esse processo foi lento e desigual. Muitas instituições até então se limitavam a equipamentos dentro das escolas, dessa forma, os equipamentos começaram a se integrar à rotina pedagógica para permitir uma experiência nova para os alunos. O computador foi deixando de ser ferramenta coadjuvante, o que antes se limitava à digitação, e passou a fazer parte da cultura das instituições. A chegada da rede de internet, por sua vez, transformou a ideia de acesso à informação e o jeito de dar aula, provocando uma reconfiguração gradativa no papel do professor e do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Desafios da educação tecnológica contemporânea

A sociedade contemporânea está em um período marcado pelo alto fluxo na velocidade da informação e pela presença constante dos dispositivos tecnológicos digitais em todos os aspectos da vida cotidiana. Hoje em dia temos um mundo de informações através dos smartphones. Essa realidade se estende diretamente na educação, a escola não parou no tempo e para acompanhar as mudanças da sociedade foi passando a adotar as tecnologias também, como será discutido durante o livro em alguns episódios que se emergirem esses aspectos, e tudo isso para fazer os professores a repensar seus métodos, o currículo, conteúdos e objetivos, a partir das novas formas de interação e aprendizagem. A tecnologia não é mais um recurso restrito à sala de informática, mas um elemento de importante mediação e estruturante das práticas pedagógicas, assim como nas relações sociais. Essas

mudanças fizeram o professor a compreender seu papel na formação humana e tecnológica, expandindo seu compromisso para o desenvolvimento de competências tecnológicas do mundo moderno, sem deixar de lado as competências essenciais para formação cidadã.

Um dos grandes paradigmas na educação tecnológica é o de equilibrar a inovação midiática com a humanização. Com o uso de dispositivos inteligentes, plataformas virtuais e algoritmos que fazem recomendações, há um o risco de se reduzir ou empobrecer o processo educativo, formando uma sequência de tarefas superficiais somente para cumprir o objetivo de se obter uma nota boa na avaliação. A aprendizagem, entretanto, sempre foi um fenômeno complexo, e independente de tecnologia; exige sim um envolvimento, desperta, emoção, reflexão, diálogo e sentido. O uso da tecnologia pode potencializar essas competências, mas isso só ocorre se for utilizada de forma crítica e intencional. Se usada com propósito pedagógico, as mídias podem ampliar o horizonte da aprendizagem, aproximando o aluno do conhecimento, com o uso dos dispositivos, oportunizando uma experiência e participação ativa.

Sabemos que antes do surgimento dessas ferramentas, o ensino era mais limitado no campo da experiência, porém não quer dizer que era menos eficaz. Demandava mais trabalho manual na busca e seleção das informações. Porém, havia outros desafios, de certa forma deixava o objeto da aprendizagem mais objetivo, pois não existiam os diversos caminhos que o ensino possui hoje. Como comentado anteriormente, um dos novos desafios que emergiram é a formação docente em um viés de desenvolver as competências digitais (Busca de informações na rede, criticidade, autenticidade, interpretação e uso consciente da rede). Muitos professores foram formados em uma época em que a tecnologia ainda não ocupava o mesmo papel que hoje. A transição do manual para o digital exigiu dos profissionais da educação aprender novas linguagens, usar novos dispositivos e ferramentas, além de novas formas de mediar o conhecimento. Mais do que dominar no sentido técnico, o professor precisa desenvolver as competências para exercer uma postura investigativa e aberta para aprendizado contínuo e para interpretar a cultura digital, em que os estudantes e a sociedade em geral estão imersos. A educação digital, portanto, demanda um novo perfil para o professor: um educador pesquisador, crítico e reflexivo, além de inovador.

A estrutura também se apresenta como um obstáculo. No Brasil, as dimensões continentais e desigualdades regionais e sociais fazem com que nem todas as escolas possuam acesso à internet de qualidade, bem como, equipamentos adequados ou devido suporte técnico suficiente. Em muitas áreas, especialmente as zonas rurais e periferias urbanas, a inclusão tecnológica é uma realidade, porém ainda longe da ideal. Essas desigualdades tecnológicas refletem diretamente na falta de equidade

educacional, o que gera um novo tipo de exclusão: a exclusão informacional. Às vezes, um fato histórico está ocorrendo, e determinada parcela da população fica desinformada, ou quando essa informação chega, possui ruídos, vindo de forma distorcida e não tempestiva. Garantir o acesso democrático às tecnologias e à internet é, portanto, condição indispensável para uma educação digital justa e inclusiva.

Apesar desses desafios, as possibilidades para a mediação através da tecnologia são infinitas e promissoras. Essas ferramentas permitem obtermos uma personalização no ensino, respeitando o ritmo, as limitações e o estilo de aprendizagem de cada aluno. Os ambientes virtuais, aplicativos e plataformas possibilitam que o estudante avance, dentro de seu ritmo, assegurando um ensino quase que autônomo, navegando por conteúdos conforme seus interesses e necessidades. A personalização, quando bem mediada, fortalece o papel do aluno deixando-o como protagonista de seu sucesso, além de estimular o prazer pelo aprendizado significativo.

Outro fato a se ressaltar como ponto positivo é o fortalecimento da colaboração entre os alunos, quando bem mediado, além do desenvolvimento da interdisciplinaridade. A tecnologia permite romper as fronteiras das disciplinas e aproxima as áreas do saber. Projetos acadêmicos, interativos, colaborativos, produções independentes, teatros, podcasts, músicas, jogos educativos e ambientes de simulações virtuais permitem aos alunos experimentarem sensações ampliadas gerando criatividade e uma pesquisa personalizada. O conhecimento deixa de ser aquela coisa tradicional, hierarquizada e fragmentada, passando a ser construído em rede, com a participação de vários alunos, dispondo de vários saberes. O professor nesse viés, assume o papel de orientador mediador e o aluno se torna autor do próprio conhecimento.

A educação digital também possibilitou novas formas de inclusão de recursos de acessibilidade digital, permitiu leitores de tela, legendas e ambientes interativos, proporcionando que estudantes com diferentes demandas possam participar ativamente do seu processo educativo. A tecnologia, nesses casos, torna-se instrumento para se alcançar a equidade, reduzindo as barreiras físicas e cognitivas, visando promover a democratização na escola.

A cultura digital, entretanto, traz diversos desafios, alguns já tratados anteriormente, e outros que iremos abordar de forma pormenorizada. Independente do seu uso, é necessário que tanto os profissionais da educação quanto os alunos desenvolvam um pensamento crítico sobre o uso das tecnologias digitais. O simples acesso a uma quantidade de informações não garante autenticidade, e por si só, o acesso não significa posse do conhecimento; o ensino é uma construção. Dessa forma, tratando sobre a navegação e seleção é necessário aprender a selecionar as fontes de pesquisa e os sites confiáveis, que mitigam a disseminação de informações

falsas. Outro passo é interpretar, pois a criticidade vem da interpretação, o que valida o conteúdo, desenvolve o senso crítico e a responsabilidade no uso das informações. Posto isso, a escola tem papel central nesse processo, na formação digital do cidadão, sendo uma competência agregada para a formação integral do cidadão, ajudando o estudante a compreender o impacto das informações e do uso das tecnologias na sociedade para um manejo ético e consciente.

Algo importante vivenciado na pandemia de COVID-19, ocorrida recentemente com maior incidência em 2020, acentuou ainda mais a importância da integração das tecnologias na educação e os desafios enfrentados. O ensino remoto disposto de maneira emergencial expôs situações de carências estruturais, mas também revelou uma alta capacidade na adaptação e na necessidade da reinvenção da função dos professores. As aulas online, as atividades, os ambientes virtuais e as videoconferências, mostraram que o ato escolar pode ultrapassar os limites da escola, e em algumas situações substituindo as aulas físicas. Ao mesmo tempo reforçaram a importância do professor, o contato humano, a presença física da estrutura escolar, elementos de grande importância no processo educativo escolar.

Desse modo, os paradigmas e o sucesso da educação tecnológica atualmente não se excluem, mas coexistem. Há sim tensões e descobertas que por meio das informações estão em constante movimento. A tecnologia nunca será um fim, e sim um meio – um percurso que deve ser trilhado pelo estudante, sendo guiado pelo educador, despertando a consciência, sensibilidade, criatividade e responsabilidade. O futuro da educação depende mais dos elementos humanos, assim como sempre foi, não depende apenas das máquinas, mas também, da capacidade humana que permite usá-las com propósito educacional ético e social.

A verdadeira revolução digital, portanto, não está nos aparelhos celulares, computacionais ou no brilho das telas, mas na luz do pensamento crítico que eles podem ajudar a despertar, se mediado. A escola do século XXI tem novos conceitos, novos desafios, algo diferente de algumas décadas passadas, em que o ensino se dava de forma diferente, algo que iremos visitar a seguir.

O ensino antes da era digital

Antes da década de 1990, as escolas possuíam uma estrutura diferente da que se encontra atualmente, possuindo mais espaços de estudos destinados à leitura, e o ensino era mais livresco. A figura da biblioteca era fulcral para o desenvolvimento de trabalhos, tarefas e pesquisas acadêmicas.

Professor e aluno se apoiavam nos livros que a escola dispunha, assim como nas encyclopédias que auxiliavam a busca de informações sobre diversos temas.

Pode-se dizer que o ensino era mais trabalhoso, a informação estava disponível, porém não em qualquer lugar ou a qualquer momento. Era necessário procurar uma biblioteca que possuísse o livro com aquele determinado tema ou determinada edição, para a partir disso fazer busca da informação desejada, sem considerar o trabalho de quem lia, de interpretar as informações dispostas e tirar do livro o que se desejava.

Era necessário a escola possuir uma biblioteca cheia de livros, revistas e encyclopédias atualizadas e renomadas, quanto maior o acervo, interpretava-se que era melhor a qualidade do ensino naquela determinada instituição. Com isso, a grade curricular possuía um espaço para a literatura no qual professores destinavam um tempo para que os alunos se dedicassem à literatura.

De certa forma, a informação ficava restrita a determinados espaços e determinados horários, se a biblioteca não se dispunha de diversos exemplares repetidos, era necessário aguardar a devolução do livro pelo aluno para que outro pudesse utilizar.

Não havia também a discussão de formação continuada no que concerne às tecnologias da informação para os professores e demais profissionais da escola. A maior fonte de informação na época além dos livros eram os jornais impressos.

Havia também uma desigualdade na obtenção das informações, consequentemente a qualidade do ensino também era um desafio. Havia grande dificuldade para transportar livros para as regiões remotas do país, até mesmo atualização dos acervos, fazendo com que a qualidade do ensino ficasse restrita apenas no conhecimento passado pelo professor.

Em uma época que não havia salas de informática nem redes sociais e em alguns lugares não havia livros, o professor se tornava a única fonte de conhecimento para o aluno, quando muitas vezes se desenvolvia um ensino tradicional. O educador sendo uma figura de transmissão e o aluno sendo um ser receptivo.

A década de 1990 foi marcada por transformações, especialmente para quem não adotou o âmbito digital na escola, e trabalhava apoiado fortemente no modelo tradicional, realizando o ensino e aprendizagem focado no professor, que era a principal figura em muitos casos e era a única fonte de conhecimento para os estudantes. As tecnologias estavam florescendo e não havia recursos tecnológicos disponíveis na maioria das escolas, os recursos pedagógicos limitavam-se em grande parte em materiais impressos, encyclopédias, livros didáticos e as próprias anotações feitas à mão.

O Brasil vivia uma fase de transição econômica social e política, pois a década de 1990 foi marcada por consolidações de políticas públicas voltadas à democratização do ensino, no que podemos citar a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996, que buscou ampliar o acesso à escola e garantir uma base curricular comum, além de trabalhar para democratização e qualidade do ensino.

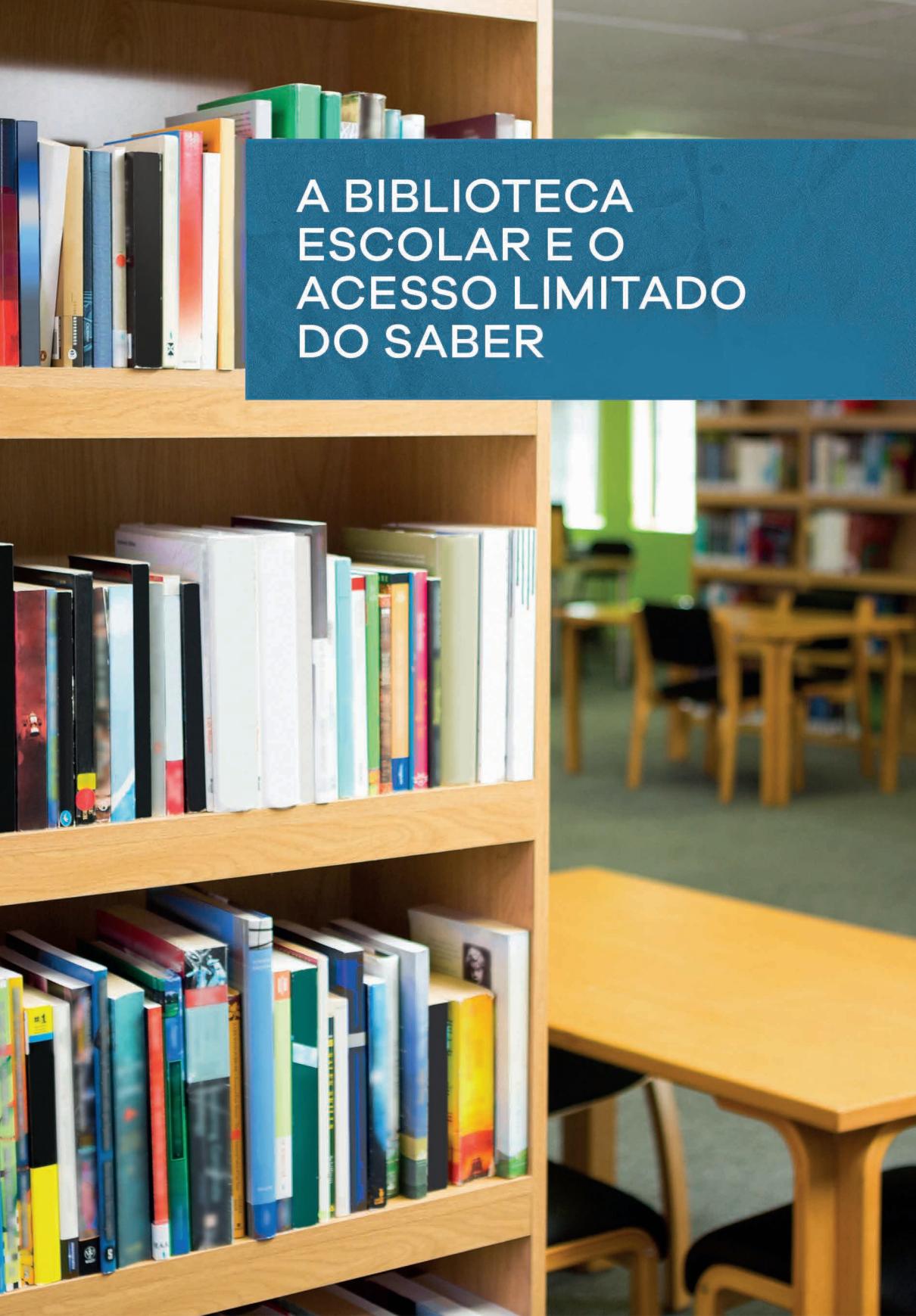
Na época também havia desigualdades estruturais nas escolas as quais possuíam condições diversas, especialmente entre as escolas urbanas e rurais (nesta última, a presença da tecnologia era mínima). Aparelhos eletrônicos eram raros e quando estavam disponíveis se limitavam a algumas escolas, sendo algumas dessas particulares. O acesso à internet era algo raro, restrito a poucos ambientes, assim a escola desenvolvia seus trabalhos em torno de práticas analógicas na qual o livro didático e a palavra do professor eram fatores fundamentais para o ensino.

Professor sendo o eixo do conhecimento

Nos anos 1990, por mais que estivesse florescendo a perspectiva crítica na educação, coexistia o ensino tradicional assim como o tecnicista. Nessa perspectiva, por mais que o professor pautasse sua atuação em um viés mediador e transformador, os recursos eram limitados, e dessa forma as aulas possuíam estrutura expositiva em torno de aulas orais, explicativas e com a utilizando do quadro negro, leituras de textos impressos e exercícios escritos.

Sua atuação de certa forma era ampla, especialmente em locais que não dispunham de outras fontes de conhecimento. Assim era o guia intelectual dos alunos, o único ponto de contato deles com o conhecimento formal, especialmente nas escolas afastadas dos centros urbanos. O professor supria a ausência de bibliotecas e materiais de apoio com um ensino verticalizado que fluía do professor para o aluno, e dessa forma o aluno deveria se atentar a escutar, copiar e reproduzir as informações para replicar na vida real.

No que concerne à valorização do professor, os desafios ainda permanecem os mesmos desafios atuais. Embora ele ocupasse um lugar de destaque suprindo a ausência de estrutura escolar, as condições de trabalho e as políticas públicas, na maioria das vezes suas condições eram precárias, baixos salários, carga horária elevada, falta de apoio do poder público e recursos. Tudo isso, contribuía para o aumento da dificuldade na ministração do ensino, exigindo dessa forma, uma relação aluno-professor, marcada pelo respeito e reconhecimento, pois, como educador, ele representava de fato a fonte mais confiável e acessível do saber.



A BIBLIOTECA ESCOLAR E O ACESSO LIMITADO DO SABER

Antes da tecnologia chegar nas escolas, as bibliotecas exerciam um papel fundamental desempenhando um espaço de pesquisa, consulta e leitura, sendo assim o coração intelectual do ensino. Porém havia uma grande disparidade entre as escolas e as instituições particulares e urbanas, pois estas últimas geralmente possuíam bibliotecas bem equipadas e acervos diversificados com livros, revistas, Atlas e enciclopédias. Na rede pública, sobretudo nas escolas longe dos centros urbanos, esses espaços eram pequenos ou inexistentes.

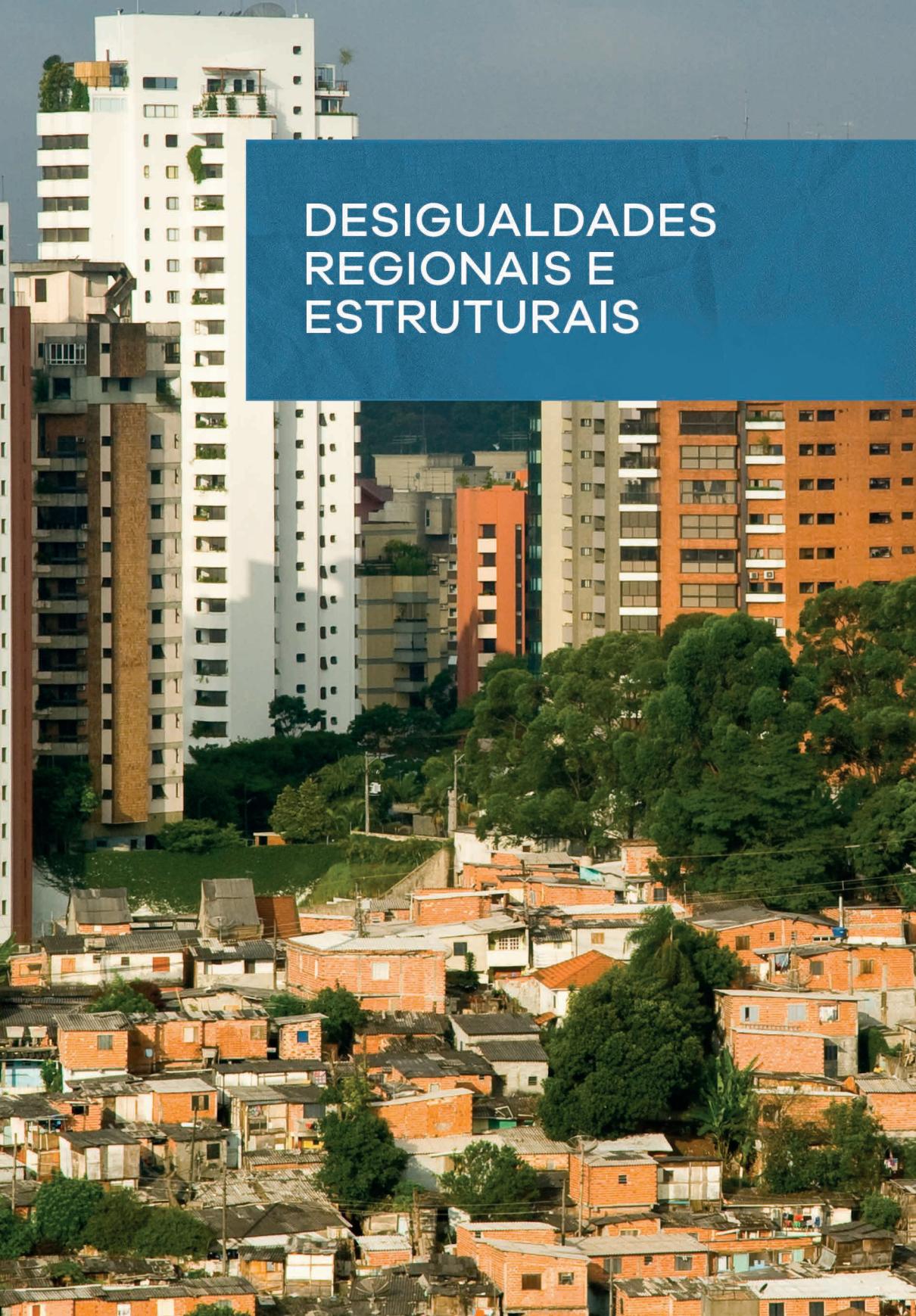
Cabe ressaltar que a biblioteca de muitas instituições se restringia a livros didáticos antigos e referências desatualizadas ou até mesmo coleções incompletas, sendo que muitos alunos precisavam deslocar-se para outras escolas ou até mesmo outras cidades a fim de encontrar a referência desejada. Havia também a situação dos alunos revisarem os livros, muitas vezes era preciso copiar trechos por falta da possibilidade de empréstimo.

Realizar uma pesquisa despendia muito tempo. Porém oferecia uma experiência bem diferente da que possuímos atualmente, ir à biblioteca era um evento destinado à aprendizagem, sendo necessário manusear catálogos, fichas de empréstimo, despertando a curiosidade. Encontrar as informações desejadas não era uma tarefa fácil, os alunos deveriam se adequar às limitações da biblioteca escolar na pesquisa e havia um caráter exploratório para encontrar a informação, que demandava paciência, tempo e organização, além da compreensão na busca e seleção dos conteúdos relevantes disponíveis para o determinado tema. Após tudo isso, o aluno deveria ler, interpretar e retirar a síntese para sua formação intelectual.

As enciclopédias: fontes renomadas do conhecimento

Com a ausência da internet e outros mecanismos de buscas quando disponíveis, as enciclopédias ocupavam um lugar de destaque na prática pedagógica. Enciclopédias renomadas e coleções eram símbolo de status intelectual e muitas das vezes estavam presentes em famílias com maior poder aquisitivo ou em algumas bibliotecas escolares esses livros representavam um saber consolidado, organizado por temas que áreas do conhecimento dessa forma representava, e eram fontes confiáveis de informação. Folhear uma coleção enciclopédica era ter acesso a diversas informações, muitas delas resumidas e sintetizadas. As pesquisas escolares baseavam-se em grande medida nessas obras, copiar parte desses textos era uma prática comum e aceita na maior parte das vezes, embasando a síntese do aluno.

Mesmo que o uso das enciclopédias se apresentava de forma eficiente, também trazia algumas limitações, devido às informações não acompanharem a velocidade das mudanças científicas e sociais que estavam e ainda estão em constantes mudanças. Dessa forma, as informações dispostas ficavam desatualizadas. Outro ponto era o desafio para se ter acesso a esse tipo de material, pois era desigual e gerava disparidade nas pesquisas, pois só pessoas com poder aquisitivo, conseguiam ter esses livros em casa, assim os alunos nas comunidades mais pobres estavam sempre em uma situação que era comum depender mais dos professores e de outros colegas para obter o acesso ao conhecimento, ou partes desses materiais.



DESIGUALDADES REGIONAIS E ESTRUTURAIS

Um aspecto que sempre marcou a realidade brasileira foi a desigualdade estrutural nas escolas. Geralmente nos grandes centros urbanos, as instituições de ensino dispunham de melhores infraestruturas, possuíam bibliotecas amplas, atualizadas e com chi laboratório de ciênciia e até alguns computadores. Já nas pequenas cidades ou escolas rurais a realidade era oposta, pois a ausência de recurso e a carência de material didático dificultava o acesso à informação.

Essas diferenças impactavam diretamente no processo de ensino, os alunos dos grandes centros urbanos possuíam melhores condições para ter acesso ao conhecimento dispostos em livros, jornais e enciclopédias; já outros alunos das escolas longe desses grandes centros dependiam quase que exclusivamente da transmissão oral feita pelo professor, que em alguns casos eram desqualificados. A situação se amplia nas desigualdades regionais educacionais e culturais.

Dessa forma, o ensino nas escolas rurais muitas vezes era improvisado, e professores criavam seu material reproduzindo os textos à mão e no quadro, além de utilizar cópias de referência para suprir as lacunas deixadas pela ausência de recursos e de políticas públicas destinadas à democratização do ensino.

Processo de pesquisa e aprendizagem

Como ressaltado anteriormente, o processo de pesquisa era trabalhoso e manual. Não existiam mecanismos para busca de textos ou modelos para escrita facilmente acessíveis, e independente da estrutura disposta na época os alunos precisavam recorrer à biblioteca ou à orientação do professor; assim, a pesquisa passava por várias etapas: localizar o material ou referência, ler, anotar à mão, e por fim redigir o trabalho conforme sua interpretação e síntese.

Dessa forma, a escrita era uma habilidade essencial porque depois da leitura, o aluno tinha que sintetizar as informações tendo que realizar uma versão própria, um formato final. Outro ponto é que as ilustrações eram desenhadas ou recortadas de revistas, o folheto ensejando um trabalho manual conferia um valor de esforço individual, cada trabalho desenvolvido representava horas de empenho em leitura, escrita e organização, e embora houvesse disparidades no que tange ao acesso à informação, o trabalho manual era semelhante, exigindo competências, como interpretação, pesquisa, síntese, ortografia e caligrafia.

SALA DE AULA



O ambiente da sala de aula sempre foi o centro da vida escolar, as carteiras enfileiradas, o quadro, o caderno, o professor, sempre fizeram parte da rotina na instituição. O professor ditava, explicava e escrevia, fazia exposições orais e o aluno copiava, respondia, participava quando era solicitado. Nessa senda, a dominância era do ensino tradicional, assim como as avaliações que na somatória, os alunos eram classificados após as provas escritas e trabalhos manuais, sempre dando ênfase na reprodução do conteúdo. Nesse modelo não havia discussões sobre a interdisciplinaridade, cada disciplina cumpria seu papel individualmente, as tecnologias eram praticamente ausentes, a relação do professor com aluno era verticalizada e hierarquizada e o professor detinha autoridade moral e intelectual, já que sua palavra tinha o maior peso. A participação do estudante era limitada pois suas vivências não eram levadas em consideração, o conhecimento era livresco, centrado na transmissão do saber.

Relação do papel familiar com a escola

Nos anos 1990, o envolvimento das famílias com a educação era diferente dada a ausência dos meios de comunicação, os eventos escolares eram mais restritos exigindo confiança ampla na escola e no professor como responsáveis pela formação dos filhos enquanto estavam no ambiente institucional. O acompanhamento de tarefas e trabalhos era feito em casa a partir do acompanhamento do que era produzido pelo próprio aluno em cadernos e trabalhos escolares.

Havia famílias que possuíam coleções de livros e enciclopédias, o que ampliavam as possibilidades de aprendizagem dos filhos. Mas também havia diferença social entre as famílias, o que refletia as desigualdades reproduzidas na sociedade.

Esforço intelectual e manual dos alunos

A falta de recursos tecnológicos impunha aos alunos um esforço físico e cognitivo. Pesquisar, selecionar, organizar, copiar, desenhar e montar o trabalho era um processo valorativo que exigia paciência, responsabilidade, colaboração entre os próprios estudantes além de desenvolver a competência de sintetizar e de ler. Interpretar as informações não era apenas uma simples cópia, era necessário compreender para resumir o que estava se reescrevendo, o caráter do trabalho estudantil era praticamente artesanal, o que conferia aos autores do trabalho escolar um sentimento de autoria e pertencimento. O trabalho refletia o esforço do aluno, assim como a importância do conhecimento que estava se adquirindo.

Transição para a era digital

Os anos 1990 marcaram o início da transformação digital com a chegada dos computadores às instituições de ensino, o que gradualmente universalizou o acesso à internet, ainda limitado em trazer novas possibilidades para as pesquisas e comunicação. No entanto esse desenvolvimento não foi igualitário. Além da lentidão dessa transição, a comunidade escolar precisou se adaptar às novas linguagens e ferramentas, sem possuir a formação adequada. O choque entre o atual e o novo fez emergir tensões e desafios no âmbito pedagógico que perduraram nas décadas seguintes.

Ainda assim, vale ressaltar que o período anterior a essa revolução tecnológica nas escolas deixou contribuições valiosas. A dedicação, paciência e empenho cognitivo exigidos naquela época constituíram bases sólidas para o desenvolvimento daquela geração, mesmo sendo limitada em alguns aspectos informacionais.

Memória da educação

Refletir sobre o ensino aplicado ao passado, é perceber que o ensino e aprendizagem eram construídos de forma ímpar. Por outro lado, do prisma, as dificuldades na conquista da informação, a lentidão nas pesquisas, o contato constante com o livro, o exercício constante da leitura e interpretação, tornavam mais intensas as aprendizagens. O aluno precisava estar envolvido e mergulhado no tema para conseguir a síntese desejada.

Essas dificuldades conferiam um valor simbólico e magistral ao ato de aprender, seja esse ato mediado pelo livro ou pelo professor. O aluno tinha no professor a figura do guardião do conhecimento, aquele que poderia trazer informações e ensinamentos que não estavam disponíveis por aí, trazendo muito aquela figura do mestre e o aprendiz.

Comparando as mudanças

O ensino atual e o ministrado nos anos 1990 revelam contrastes profundos. Atualmente o conhecimento é produzido e distribuído quase que instantaneamente. Plataformas online, inteligência artificial, vídeos e bibliotecas online quebraram a barreira para o acesso à informação, dando o aluno capacidades quase que ilimitadas para obtenção da informação.

Ao passo que essa quantidade de informação está disponível, outros desafios surgiram. Se qualquer informação está disponível, logo o aluno pode selecionar aquilo que mais possui afinidade. Isso pode trazer dispersão, superficialidade, além de gerar dificuldades na concentração, pois o aluno pode pesquisar aquilo que deseja e ao mesmo tempo pesquisar aquilo que é proposto, executando duas ou mais tarefas, porém se dedicando apenas à que tem interesse.

Atualmente os trabalhos escolares tendem a serem mais bem construídos, impressões coloridas e slides reproduzem com perfeição imagens que se pretendem mostrar. A infinidade de artigos e e-books disponíveis na rede permitem aos alunos desenvolverem trabalhos com maiores repertórios, podendo replicar mais informações, mais imagens, resultando apresentações mais belas do que aquele trabalho escolar “simples” feito com a capa desenhada em um papel A4 e papel almaço. Porém, a qualidade visual e a disposição infinita de informações não são garantias de que o aluno realmente se dedicou, ou que realmente atingiu a síntese; essas facilidades também geram oportunidades de se reproduzir a informação ao invés construir o conhecimento.

É notório que o repertório analítico atual é mais amplo, consequentemente há mais possibilidades de formar um sujeito crítico. Já antigamente, os recursos eram limitados, o que gerava mais tempo na formação crítica. Porém hoje é necessário o desenvolvimento de outras competências, como a análise atenta da informação consumida, diferenciar fake News dos fatos, e ter criticidade na interpretação.

O papel do professor também foi sendo alterado. A mesma informação que ele reproduz, os dispositivos também podem oferecer. Dessa forma, novas competências são exigidas para mediação, atuando o professor como facilitador do processo de aprendizagem. Aquela relação hierárquica deu lugar a interações horizontais, expandindo as possibilidades para um viés de construção coletiva.

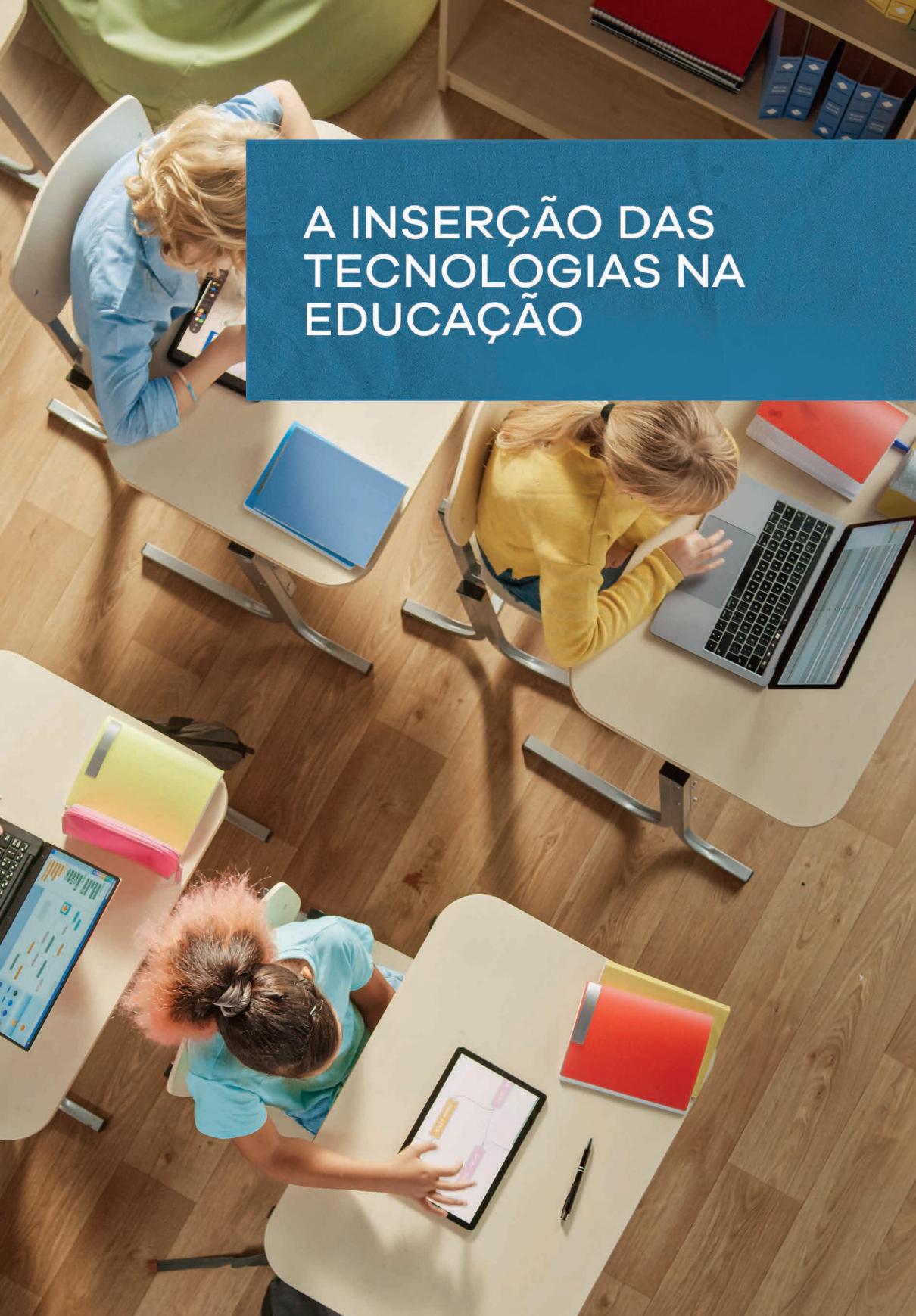
Lições do passado

Visitando o passado, podemos concluir que houve uma revolução no jeito de aprender e ensinar, as diferenças e dificuldades marcadas no esforço para se alcançar a informação desejada, ressaltam como a maior qualidade nesse contexto sendo a disciplina intelectual no processo de aprendizagem. Hoje estamos com um universo de informações na palma da mão através de um dispositivo celular, porém poder acessar o conhecimento, não quer dizer possuir esse conhecimento, pois muitas vezes esse acesso é conhecido como posse. A juventude é bombardeada de informações, em um mundo que a gratificação imediata, gerada pela satisfação de consumir a informação que desejamos, passa a transformar os indivíduos em seres impacientes e menos reflexivos.

Nessa senda, mantém-se a importância do professor como sujeito insubstituível no processo educativo. Embora a fonte de informações tenha sido mudada e ampliada, o papel do professor enquanto educador apenas aumentou, sendo orientador, motivador, inspirador, mediador e formador. O conhecimento não se reduz a dados; permeia relações, interpretações, subjetividade e sensibilidade, dimensões do ser humano e não da internet.

Por mais que o passado da educação brasileira seja tomado pelo discurso radical daqueles que sempre enxergam o novo como absoluto, quem viveu, desenvolveu atributos e qualidades atuais, mesmo com recursos limitados, desigualdades estruturais e regionais. Eram vetores para o desenvolvimento da paciência, dedicação, esforço e dedicação. O passado não é melhor que o presente, assim como não tem mais valor que o futuro. É incontestável que a tecnologia trouxe avanços importantes no ensino, a emancipação, a criticidade, as novas pautas, os novos dilemas, as novas sínteses para superação das dificuldades passadas, porém cada tempo possui seus desafios e contribuições.

A INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO



Quando falamos de tecnologia pensamos em computadores, tablets, notebooks e celulares, porém a palavra tecnologia no contexto mais amplo, abrange outros equipamentos, como rádio e televisão, os quais também foram utilizados com a finalidade educativa fazendo parte do cenário brasileiro.

Com isso, o ensino com o uso de tecnologia se deu inicialmente com o rádio, através de programas educativos, que levavam informações em locais que as escolas não alcançavam, e isso também ocorreu com o uso da televisão, em um contexto de educação a distância.

Pode-se dizer que esse movimento ganhou âmbito brasileiro no final dos anos 1980 e início da década de 1990, com o uso dos primeiros computadores de mesa chegando ao ambiente escolar. Inicialmente em instituições de ensino privadas e universidades. Porém o uso era restrito, voltado mais para o ensino de informática, sendo de forma isolada de outras matérias.

Referente ao uso dos computadores, um dos elementos que deu força para a entrada da era digital no Brasil foi o Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo), criado em 1997 pelo Ministério da Educação, cujo objetivo dessa política pública era oportunizar e ampliar o uso pedagógico dos computadores nas escolas públicas, incentivando a criação de laboratórios de informática nas escolas, e com isso criando a necessidade da capacitação dos professores.

Essa política obteve um impacto restrito, pois havia escolas que não possuíam estrutura suficiente para implantar os laboratórios, algumas possuíam a estrutura, mas não possuíam os computadores, outras não possuíam nenhum nem outro.

A partir disso, iniciou-se o debate sobre atualização da formação docente tendo em vista que equipamentos e computadores ficavam subutilizados e restritos devido à falta de preparo docente para o uso pedagógico dessas tecnologias. Assim, as aulas se restringiram ao ensino de digitação e à informática básica.

A CHEGADA DA INTERNET NAS ESCOLAS



Na década de 1990, a internet se popularizou nas escolas com o surgimento de provedores domésticos e conexões discadas, e o primeiro impacto foi mais na parte acadêmica e aos poucos esse acesso foi se expandindo para as escolas da rede pública, contudo, a ideia de utilizar a internet teve um viés pedagógico para mediação do ensino e começou a ser discutida. Sendo assim, as primeiras experiências de pesquisas online e troca de informações através dos e-mails foram importantes no processo de digitalização do ensino.

A utilização da internet representou o início de uma Nova Era. O conhecimento não sendo mais centralizado no professor, nos livros, enciclopédias e outros espaços físicos como a biblioteca; permitiu ao aluno trocar informações, fazer pesquisas e explorar diferentes fontes. Porém essa transição foi pragmática, pois exigia novas competências dos alunos, como leitura, seleção, análise das informações, habilidades que eram desenvolvidas em outro contexto até então.

Com a virada do século, as tecnologias se expandiram intensamente no ambiente escolar, a internet de banda larga passou a se popularizar, e assim as pessoas conseguiram obter maior acesso aos recursos digitais, dessa forma as políticas públicas começaram a se consolidar. O programa Proinfo Integrado, lançado em 2007, atualizou os objetivos para ampliar o número de laboratórios informáticos e passou a se discutir a formação continuada dos professores, na qual ensinar com o uso do computador não era mais o objetivo principal, mas sim integrar as tecnologias ao processo de ensino.

Cabe ressaltar que também se popularizou além dos usos de computadores outros recursos audiovisuais, como fita cassete, projetores, DVDs e softwares de aprendizagem, assim as escolas passaram a adotar plataformas de ensino informatizadas e os alunos começaram a desenvolver competências digitais para realizar a navegação na internet com o objetivo de aprender novas informações.

Um ponto a se destacar é a imersão dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), esses ambientes funcionavam e ainda funcionam como ferramenta de apoio pedagógico podendo conter materiais de apoio para os estudos, atividades, videoaulas, além de outros recursos para auxiliar no ensino.

Na era digital, as tecnologias da informação ganharam força, o ensino a distância passa a ser mais acessível aos alunos, o que antes não era presente devido à falta de estrutura. Assim, passou a se popularizar a oferta de cursos online, o que representou um grande passo na democratização do acesso à educação.

O PAPEL DO PROFESSOR NA ERA DIGITAL



Com essa renovação no ensino, o professor precisou reformular sua metodologia do modelo tradicional centrado na transmissão do conteúdo, e passou a coexistir com o modelo mais interativo e didático que despertava curiosidade nos alunos. O professor passou a ser um facilitador do conhecimento pois não era mais a única fonte de informação para o aluno. Mas o papel do professor não ficou reduzido com a inserção dessas novas fontes de informações.

Foi necessário o desenvolvimento de novas competências, tanto para o professor quanto para o aluno para que o aluno pudesse utilizar as tecnologias. Para o processo de ensino aprendizagem, o professor necessitava fazer a mediação tecnológica e para isso era necessário desenvolver competências para uso consciente da internet, busca, seleção, tratamento e envio de informações via rede.

Aos poucos a tecnologia foi se consolidando como ferramenta pedagógica, exigindo do professor projetar seu ensino permeado por tecnologias, assim como oferecer experiências e desenvolver atividades interativas em sala de aula.

Cultura digital na transformação do aluno

Com a nova geração de alunos, nascidos no novo milênio, no desabrochar das tecnologias, esses educandos são conhecidos como nativos digitais, pois nasceram em um ambiente já consolidado pela interatividade e rapidez no fluxo de informações.

Grande parte dessa juventude teve contato com as tecnologias digitais, seja por meio de jogos, vídeos, plataformas, aplicativos ou computadores. Esses novos estudantes passaram por um aprendizado mais dinâmico e personalizado. O modelo tradicional de aulas orais, já não parece ser atrativo para essa geração, se mostrando insuficiente para manter o engajamento dos jovens. Nessa senda, os recursos tecnológicos foram ganhando mais espaço na sala de aula. Professores que dominavam esses dispositivos, conseguiam personalizar as aulas, incluir novas experiências e permitindo novas vivências. A informática não se reduz à digitação e à simples pesquisa no navegador. Quanto mais qualificado é o professor, mais estratégias ele consegue colocar em prática para utilizar o digital em sua aula.

Inclusão e desigualdade no acesso

Viver na era digital, onde praticamente todos já tiveram acesso e contato com a tecnologia, não quer dizer que esse acesso é feito de forma igualitária. Por mais que ele foi expandido, permanece de maneira desigual. Aqueles que passaram a utilizar as tecnologias de forma habitual foram incluídos na era digital, porém aqueles que ainda permanecem às margens do acesso estão na exclusão digital, que geralmente vem acompanhada da exclusão social em áreas de difíceis acessos, áreas carentes e com ausências de políticas públicas.

Muitas escolas ainda possuem dificuldades relacionadas à falta de estrutura, ausência de suporte técnico ou de equipamentos. Para superar essas desigualdades é preciso uma inserção de tecnologias na educação visando a superação das vulnerabilidades, e o avanço social para a construção de um ensino de qualidade e democratizado.

Tecnologias da atualidade na sala de aula

Podemos pontuar que a partir de 2010, o uso das tecnologias atingiu um novo nível, e com a ampliação do uso dos smartphones, tablets, plataformas digitais e computadores cresceu o uso dos (ambientes virtuais de aprendizagem), sendo utilizado também por redes públicas, levando o ensino a qualquer hora e local. Dessa forma, o ensino passou a ser híbrido, quando o professor usa recursos digitais e ao mesmo tempo recursos presenciais.

Com essas situações, surgiram novas plataformas e novos métodos de ensino.

A transformação do ambiente escolar na era digital

A escola, enquanto espaço social e de construção do saber, sempre refletiu as transformações do seu tempo. No entanto, nenhuma época modificou tão intensamente sua estrutura quanto a era digital. O ambiente escolar, que antes se organizava em torno de livros, cadernos e quadros negros, passou a incorporar telas, redes e conexões invisíveis que redefiniram o modo de ensinar, aprender e conviver. A escola física permanece, mas agora se entrelaça com o universo virtual, criando um ecossistema educativo.

Durante grande parte do século XX, a escola era vista como o principal espaço de acesso ao conhecimento formal. O aluno chegava à sala de aula para ouvir, copiar e repetir. O professor era a autoridade máxima, e o conteúdo, o centro da aprendizagem. Com o advento das tecnologias digitais, esse modelo começou a se transformar. O conhecimento deixou de estar restrito aos muros da escola, tornando-se acessível a qualquer pessoa com um dispositivo conectado à internet. Essa descentralização do saber provocou uma verdadeira revolução na maneira como a educação é compreendida.

A sala de aula passou a ser um ambiente dinâmico, interativo e em constante construção. Os espaços físicos se modificaram para acolher novas formas de aprendizagem: mesas coletivas substituíram fileiras, murais digitais tomaram o lugar de quadros, e o som das teclas passou a coexistir com o do giz. Mais do que uma mudança estética, trata-se de uma mudança de mentalidade. A escola deixa de ser apenas transmissora de conteúdos e assume o papel de curadora do conhecimento, ajudando os alunos a interpretar, filtrar e aplicar informações no mundo real.

A transformação do ambiente escolar também trouxe à tona uma nova compreensão sobre o tempo e o espaço do aprendizado. Antes, aprender era uma atividade restrita ao horário escolar; hoje, o processo é contínuo e expandido. A educação ultrapassa o portão da escola e se estende para o ambiente virtual, onde fóruns, redes de estudo, vídeos e aplicativos educativos complementam as aulas presenciais. Essa integração entre o presencial e o digital deu origem ao que se conhece como aprendizagem híbrida, um modelo que combina o melhor dos dois mundos: o calor humano da sala de aula e a flexibilidade das tecnologias.

Entretanto, essa transformação não ocorreu sem desafios. A introdução de recursos digitais nas escolas revelou desigualdades históricas de acesso e infraestrutura. Em muitas instituições, a tecnologia chegou de forma desigual, fragmentada e, em alguns casos, sem formação adequada para seu uso. Computadores ociosos, redes lentas e falta de suporte técnico ainda limitam o potencial de inovação de muitas escolas públicas e privadas. A verdadeira transformação digital, portanto, não se resume à presença de equipamentos, mas à criação de uma cultura digital escolar que envolva toda a comunidade.

Outro ponto crucial dessa mudança está na redefinição das relações humanas dentro do espaço escolar. O aluno digital, acostumado à autonomia das plataformas, passa a exigir um papel mais ativo e participativo nas aulas. O professor, por sua vez, precisa aprender a compartilhar o protagonismo, tornando-se mediador e facilitador. O diálogo substitui a imposição, e a colaboração se torna o novo alicerce da aprendizagem. A escola digital é, acima de tudo, um espaço de construção coletiva, onde todos – alunos, professores, famílias e gestores – aprendem uns com os outros.

As novas tecnologias também transformaram a forma de avaliar o aprendizado. Provas tradicionais e memorização pura perderam espaço para projetos, portfólios digitais e atividades interativas. O avaliar ultrapassou o significado de classificar e agora alcança a dimensão de acompanhar processos, observar avanços e trajetórias, além de valorizar o desenvolvimento de competências dos alunos. Essa mudança na avaliação também reflete uma nova compreensão de que o aprender passou daquela concepção de acumular informações, e assim como a inserção de novas tecnologias, novos métodos foram surgindo para mobilizar as informações para resolver problemas e criar novas soluções. Nesse caminho, a escola virou um novo laboratório de experiências, onde errar e acertar é parte do caminho e inovar é um ato de educar.

A presença das tecnologias ainda trouxe novas dimensões éticas e sociais ao ambiente escolar. Questões como o uso responsável da internet, a proteção de dados, o cyberbullying e o consumo consciente de informações tornaram-se parte fundamental da formação dos alunos. A escola não pode ignorar esses temas, pois formar cidadãos digitais é tão importante quanto formar bons estudantes. O

ambiente escolar, agora conectado, deve ser também um espaço de reflexão sobre o impacto das tecnologias na vida, na sociedade e na convivência.

Apesar das dificuldades e dos riscos, a transformação digital representa uma oportunidade histórica de reinventar a educação. A escola tem diante de si a chance de se tornar mais democrática, mais aberta e mais significativa. O uso de tecnologias pode promover inclusão, estimular a criatividade e aproximar gerações. Quando bem orientada, a digitalização do ensino amplia o acesso ao conhecimento e fortalece a autonomia dos estudantes.

O novo ambiente escolar é, portanto, um espaço híbrido e pulsante – onde o saber circula em diferentes linguagens, tempos e lugares. Ele abriga tanto o som do teclado quanto o silêncio da leitura, tanto o brilho das telas quanto o brilho dos olhos curiosos. É um espaço em que tradição e inovação convivem, e onde a tecnologia é vista não como ameaça, mas como ponte para o aprendizado. O desafio está em fazer com que essa ponte conduza a uma educação mais humana, crítica e transformadora.

A escola digital não é um destino, mas um processo em constante construção. É o reflexo da sociedade em movimento, das descobertas e dos questionamentos de cada geração. E, enquanto houver professores comprometidos e alunos curiosos, o ambiente escolar continuará sendo o lugar onde o futuro começa – um futuro que se escreve, agora, com palavras, códigos e conexões.

A TRANSFORMAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR



Percebemos que na era digital, as ferramentas transformaram os espaços de aprendizagem também redesenham o próprio ato de educar. Hoje, sabemos que ensinar vai muito além de dar uma aula, reproduzir conteúdo e avaliar; atualmente é preparar o estudante para atuar no mundo contemporâneo, navegar na internet, ter consciência e criticidade em um mundo de constantes transformações, onde a informação vem sendo passada em velocidade recorde e o conhecimento se renova a cada momento.

Diante dessa complexidade, no cenário atual, precisamos reinventar a forma de educar. Assim como a internet possui conhecimento a ser compartilhado, possui também, muitas informações inadequadas, seja por serem mentirosas, seja por serem inadequadas para faixa etária dos estudantes. Então percebe-se que não se trata de apenas incorporar tecnologia no ambiente escolar, mas sim de compreender o impacto delas na formação do modo de pensar, sentir, refletir e agir dessas gerações.

Um dos maiores desafios atualmente é equilibrar esse uso da tecnologia na escola com um viés para o desenvolvimento humano. A inovação, ao passo quando usada sem uma finalidade, corre o risco de dispersar a atenção dos alunos, substituindo o aprendizado profundo, pela superficialidade de outros conteúdos que não agreguem na formação crítica. Cabe à comunidade escolar, portanto, direcionar o ensino dos alunos, pois a internet, mesmo sendo um mar de conhecimentos, pode também dar a impressão de ser uma terra sem lei, e é a partir dessa percepção que vários problemas podem acontecer: cyberbullying, a falta de foco, e a fácil dispersão são usos dos recursos digitais de maneira errada. Então, o direcionamento desses estudantes é importante, para que haja uma aprendizagem mediada, criativa e responsável, sem que o brilho dos dispositivos apague a sensibilidade. A educação digital deve ser voltada para a emancipação e não para a técnica – deve ser solidária, ética, empática, buscando sempre ser transformadora.

Ao mesmo tempo que a era digital trouxe para a atualidade uma nova forma de se relacionar com o conteúdo, também alterou a relação entre professor e aluno. O docente não é o único detentor do saber, mas sim o mediador, guia de um percurso a ser trilhado de forma compartilhada. Ele deixa de ser a fonte única na sala de aula e passa a ser facilitador das múltiplas vozes dispostas para se alcançar a informação desejada – trabalhando com os estudantes, as redes, os projetos e as experiências de vida. Nesse contexto, o papel do professor é cada vez mais amplo, inspirador, orientador e provocador do pensamento crítico.

A aprendizagem antigamente era centrada no conteúdo, depois passou a ser o estudante. Com a chegada das ferramentas digitais, foi permitido que cada aluno segue seu próprio ritmo, explorasse suas potencialidades e superasse suas dificuldades, também trabalhando em cima de seus interesses e para participar ativamente da sua construção de conhecimento. Nessa senda, as plataformas virtuais, ambientes

digitais e aplicativos, tornam o processo mais interativo e participativo, estimulando o trabalho em equipe e o desenvolvimento de competências socioemocionais. O aprendizado deixa de ser individual e passa a ser coletivo, se torna uma experiência significativa e ao mesmo tempo conectada e viva.

Contudo, para que essa revolução se torne completa, é preciso melhorar na formação inicial e continuada dos educadores, contemplando esses aspectos para o desenvolvimento de competências digitais para a formação do cidadão. Não basta o poder público entregar para as escolas tablets e computadores ou montar laboratórios de informática e até mesmo dispor de toda estrutura adequada nas salas de aula, se os professores não estiverem preparados para mediar o conhecimento a fim de integrá-los de forma significativa. A transformação começa pela valorização dos professores – aquele que traduz a tecnologia em aprendizado, a inovação em sentido. O futuro das instituições depende tanto das ferramentas que ela pode utilizar, quanto das pessoas que conduzem esse processo.

Além disso, as tecnologias exigem também uma reflexão sobre as ações em pensar o bem-estar emocional dos alunos. Nesse sentido, daremos uma ênfase nos aspectos relacionais, sem esquecer desse processo de revolução. A hiperconectividade pode gerar alguns problemas, como ansiedade e sobrecarga. Por isso, é fundamental que a escola promova uma cultura de paz e equilíbrio entre os alunos, é necessário um bom ambiente, tanto online quanto offline, incentivando pausas e valorizando momentos de convivência, assim como fazer as mediações de conflitos. As atividades que estimulem a criatividade podem ser feitas com ou sem tecnologias. Aprender é também saber desconectar em certos momentos, para refletir, imaginar e construir o sentido necessário para se aplicar o conhecimento.

A escola da era contemporânea não deve ser apenas tecnológica, mas deve ser também humana. A escola precisa formar cidadãos críticos, conscientes e solidários, capazes de usar o conhecimento para transformar o mundo. A tecnologia pode ser aliada a valores sociais e propósitos concretos, tornando-se uma ferramenta poderosa na inclusão, no diálogo e inovação social. Caso seja usada sem a devida reflexão, pode ampliar desigualdades e distâncias sociais.

Portanto, o verdadeiro desafio da educação atualmente, não está em acompanhar as mudanças tecnológicas ou a velocidade das informações, mas em dar a elas um propósito social, algo que atualmente é sim, permeado pelas tecnologias, principalmente no ambiente escolar. A escola precisa continuar sendo o espaço de formação cidadã, para isso saber lidar com o novo, com o diferente, é fundamental.

O futuro da educação continuará sendo digital, sim, mas, acima de tudo, será humano.

A transformação do ambiente educacional na era midiática é um movimento irreversível, mas também cheio de possibilidades concretas. Os desafios que se revelam não é sobre resistir às tecnologias, mas sim, compreendê-las e utilizá-las para orientar a formação crítica e responsável. A tecnologia pode ser um fator poderoso na construção de uma educação mais justa e inclusiva, além de democrática e significativa, desde que seja colocada a serviço do ser humano.

A escola do futuro não será feita apenas de computadores e celulares com conexões à internet, mas de pessoas que aprendem, sonham, conflitam e criam juntas. Trazendo os conflitos é importante abrir um parêntese em nossos livros para falar um pouco sobre as relações sociais, algo que sempre esteve presente nas escolas, independente de gerações, porém hoje em dia é mais bem compreendido e mais bem combatido, e estamos falando sobre o Bullying, um termo estrangeiro que se refere a uma prática conflituosa que ocorre em diversos ambientes e que também pode estar associado a elementos tecnológicos, assim como nas relações cotidianas. É nesse encontro entre o digital e o humano que nasce a verdadeira complexidade das relações.

BULLYING E A TECNOLOGIA



A tecnologia vem revolucionado a forma de como aprendemos e manipulamos as informações, assim como nos comunicamos. No entanto, também tem criado novos desafios como também riscos, especialmente quando se trata de bullying. Neste capítulo, vamos explorar o que é o bullying e suas formas, e ao final, como a tecnologia tem contribuído para o bullying e como podemos trabalhar juntos para prevenir esse problema.

O que é bullying

São práticas de violência dentro da escola, analisando as principais consequências para os envolvidos e para o ambiente escolar em que está incluído. O bullying é um problema social e afeta principalmente a população jovem, pode ocorrer em qualquer contexto no qual as pessoas interajam, tais como escola, faculdade/universidade e família. Nas escolas, esse tipo de agressão geralmente ocorre em áreas onde a presença ou supervisão de pessoas adultas é mínima ou inexistente.

O bullying é um fenômeno que pode ser caracterizado por ter uma natureza “truculenta” e ocorre em diferentes segmentos da sociedade. Atualmente incide em todos os lugares, sucedendo com mais frequência nas escolas, sejam elas instituições públicas ou particulares, sendo taxado por muitos como “brincadeiras”, ou coisa de criança. Algo a ser considerado normal, talvez pelo fato de ser praticado entre colegas ou até mesmo entre crianças da mesma faixa etária. Esse ato geralmente tende a ocorrer nos intervalos das aulas ou em lugares nas escolas distantes de pessoas adultas, que poderiam impedir de ser praticado.

Dessa maneira, entende-se que essa violência pode prejudicar o processo de aprendizagem na educação da criança e interferir na sua vida em todos os aspectos, causando traumas e outros problemas que podem se estender por muitos anos. A violência nas escolas pode muitas vezes ser ignorada, não discutida, ou não ter estabelecidas soluções para os possíveis inúmeros casos. O principal motivo de não haver esse amparo às vítimas, pode ser culpa delas mesmas, que por medo de intimidação, incerteza, e por não acreditarem que receberão ajuda da direção e dos pais, não relatam que sofrem com esse ato.

Para o desenvolvimento desse conteúdo demonstrado foram realizadas pesquisas sobre o fenômeno bullying, também são trazidas algumas informações, fruto de experiências pessoais e compreensões gerais com posicionamento semelhante a alguns autores da área educativa, a fim de enriquecer um pouco sobre esse tema. Este capítulo tem como objetivo geral identificar os conhecimentos e as práticas dos educadores ao perceber casos de violência na sala de aula, refletindo sobre os resultados de suas ações na melhoria das relações discentes. E para isso o papel do gestor é primordial, pois é através desse profissional que chegam ao corpo docente as estratégias e motivações para a equipe de professores e administrativos das unidades de Ensino.

É necessário começar esclarecer o assunto, não permitindo que mais alunos se tornem vítimas e sofram calados, e nem que todos se achem vítimas. Na prática do bullying, a sociedade, junto à escola e à família deve garantir a segurança dos alunos e preservar sua integridade como indivíduo, deixando-o à vontade para relatar o fato, pois quem deve temer é o agressor, que está errado, e não quem sofre a violência. Devemos evitar que exista essa inversão de valores. As medidas de combate são necessárias, pois o educador tem o papel importante na formação desse aluno.

Seguindo essa ideia, seguiram-se os objetivos propostos para esse posicionamento, com bases sólidas resultando em contribuições para o ambiente escolar.

Durante o exposto, o tema é abordado de forma a esclarecer e classificar as diferentes formas de violência escolar, diferenciando a violência de outras atitudes agressivas dentro da escola e também conceituando o bullying de acordo com a obra de Cleo Fante e outros autores.

Para compreender esse fenômeno enfatizam-se as características presentes na prática da violência escolar, assim como a mediação tecnológica, e a prática mundialmente intitulada como bullying. Basicamente são: os tipos e formas que são executadas; os ambientes adotados pelos agressores dentro da escola e os envolvidos (vítima, agressor, espectador, pedagogo e pais); o fato de que pode ocorrer também no ambiente virtual; as principais consequências na vida da vítima; e por fim, a atuação do pedagogo e da família no combate ao bullying.

Esta parte da obra tem como finalidade expor e propor uma reflexão sobre o bullying para poder viabilizar outros estudos com o objetivo de compreender o bullying, assim como o papel do pedagogo da escola e os ambientes onde pode ocorrer.

No processo de construção dessa análise, vamos trazer aspectos tecnológicos, por mais que o tema seja atual, suas práticas estão enraizadas no cotidiano das instituições, e sendo assim, foram realizadas pesquisas tendo como base obras renomadas. No percurso de construção desta parte iremos abordar de forma descritiva, tendo como base o assunto bullying e os ambientes onde ele ocorre, sempre tentando trazer sua ocorrência também no ambiente virtual.

Para isso, compreendermos que uma variável do bullying é o cyberbullying, que são condutas maliciosas, com o intuito de humilhar, discriminhar, causar danos emocionais ou não. No ambiente escolar, isso pode ocorrer em diversos contextos, pode ser com a disseminação de informações falsas, sobre professores, alunos ou demais funcionários, exclusão social no âmbito digital, uso de apelidos ofensivos entre outras condutas dessa natureza.

Nosso método utilizado para tratar do assunto foi o Indutivo, o qual trabalhamos e analisamos o tema específico sendo possível a conclusão a partir do exposto.

O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR



Violência escolar

A violência é sem sombra de dúvida uma das ações mais antigas praticadas pela humanidade, e fatos históricos das mais isoladas civilizações ou até mesmo das mais conhecidas mostram o processo violento que o ser humano já passou e/ou causou através das eras, e ainda na atualidade tem passado por tal ação diariamente.

Na atualidade vemos nos noticiários a sociedade cada vez mais violenta, e todos nós podemos ser vítimas das ações cruéis de algum agressor. Nessa perspectiva, quando focamos na violência em ambiente escolar temos que elevar o nível de atenção para esses atos. Nas escolas temos crescentes índices de violências tornando-se um grande problema para sociedade. A violência é um problema de saúde pública, com sérias consequências, particularmente para os jovens, que aparecem nas estatísticas como os que mais morrem e os que mais matam. Situação essa que pode estar servindo como fator de alerta à escola, um ambiente social com uma grande amplitude de diferenças culturais, sociais e financeiras, que vem necessitando de muita atenção na observação de atos de violências que diariamente se tornam mais comuns e frequentes em diferentes locais do mundo, aumentando os registros de casos progressivamente.

De acordo com o exposto, se conclui que o comportamento agressivo, ou seja, a violência dentro do âmbito escolar, para autora Cleo Fante, tem muito a ser estudado para que se tenham soluções e se criem mecanismos de combate à violência. Esse comportamento é resultado de uma ampla rede de problemas da sociedade em geral, e que é influenciado com a convivência da família, rede de amizades, locais em que um indivíduo vive ou frequenta, a escola e os grupos sociais internos que participa, e por esse motivo a autora considera a violência como ação muito complexa.

Entende-se que é de grande importância enfatizar que os profissionais da educação devem saber lidar com essas ações de violência nos diversos ambientes dentro de uma instituição escolar, e acima de tudo buscarem visualizar o ambiente na visão do aluno, e a partir de que momento saber identificar e dar tratamento devido para possíveis atitudes de violência. É imprescindível que o profissional de educação, ao qualificar qualquer aluno como violento ou agressivo, considere os inúmeros fatores que recaem sobre suas relações interpessoais. Dessa maneira, o profissional deve saber abordar o que realmente é 'violência escolar' em seus diferentes contextos, como ocorrem, quais são suas características; o profissional da educação mesmo portador dessas informações tende a enfrentar problemas em identificar situações que venham a ocorrer dentro e fora da sala de aula.

A violência escolar é um fenômeno social complexo caracterizado pela agressividade e por atitudes antissociais, podendo ser causada por diferentes motivos, como a família, situação social em que o indivíduo está incluído, entre outros, e pode

ser encontrada desde a Educação Infantil ao Ensino Médio sem escolher classe social e/ou financeira, mostrando a dificuldade das instituições escolares em identificarem ou combaterem atos de violência escolar.

Relatando sobre a visão do adulto no ambiente social das crianças que “muitos de nós, profissionais de educação, nos confundimos, pois a nossa maneira de olhar para o mundo social das crianças e dos adolescentes é um pouco superficial, além de preconceituosa”, defendendo a necessidade de haver a classificação das principais formas de violência, e que possivelmente perderíamos a visão preconceituosa da vida das crianças e adolescentes, devido à nova abordagem sobre violência ao se tratar de seu mundo.

Para fins de consulta, em situações futuras a autora apresenta informações que podem ser usadas para identificar atos de violência no ambiente escolar, e tratar de tipificar a maneira que ocorrem, entre outros fatores a serem considerados, mostrados nos quadros a seguir:

Quanto ao grau:
- Violência simples ou pontual: aquela em que um ou mais agressores atacam esporadicamente uma vítima, motivados por um desentendimento que acaba gerando conflito;
- Violência complexa ou frequente: aquela em que um ou mais agressores atacam habitual e repetidamente uma mesma vítima, sem motivação evidente (bullying).
Quanto à forma:
- Violência direta: contra as pessoas, interpessoal;
- Violência indireta: contra utensílios, bens ou patrimônios (destroços ou vandalismo, furtos);
- Violência implícita, velada;
- Violência explícita, identificada.
Quanto ao tipo de violência:
- Violência física e sexual;
- Violência psicológica;
- Violência verbal;
- Violência fatal.

Figura 1 - A violência escolar quanto ao grau, formas e tipos.

Fonte: Fante (2011, p. 34).

Segundo a autora, no que se refere à violência, pode-se classificá-la quanto ao grau, isto é, sendo dividido entre uma violência simples, mais comum e esporádica, fruto de algum desentendimento entre partes, que pode ocorrer apenas uma vez, ou em violência de caráter complexo que pode se repetir diversas vezes por um ou mais agressores a uma vítima e sem motivos evidentes, o que frequentemente chega a ser definida como bullying.

A violência é classificada ainda quanto ao tipo, ou seja, se é uma violência verbal, física ou psicológica direcionando-se a cada público no qual acontece, diante de diferentes situações que se tornam fatores explícitos para determinados tipos de atos, tendo maior recorrência a violência física entre o sexo masculino. Sendo classificada também quanto à forma que geralmente tende a ocorrer, podendo ser, por exemplo, uma violência direta, ou implícita ou até mesmo indireta, caracterizada por difamações e calúnias contra uma pessoa, mais comum entre o sexo feminino. A classificação estende-se a outros parâmetros, mostrados a seguir na Figura 2:

Quanto ao nível:	
- Discentes;	- Docentes;
- Funcionários;	- Pais.
Quanto às dimensões:	
- Violência no interior da escola (nas relações interpessoais; "micro violências", furtos, uso e tráfico de armas e drogas);	
- Violência no entorno da escola (nas relações interpessoais, uso e tráfico de drogas e armas);	
- Violência da escola (institucional e simbólica; disciplinarização dos corpos e das mentes, métodos de ensino, relação da comunidade escolar e desesperança quanto ao papel da escola).	

Figura 2 - A violência escolar quanto ao nível e dimensões.

Fonte: Fante (2011, p. 42).

A classificação é usada também quanto ao nível que ocorre, ou seja, com quem ocorre e sua esfera, se é entre os discentes, ou funcionários. Estendendo-se as dimensões que geralmente podem se propagar, pode ser uma violência no interior da escola, geralmente furtos, entre outras micro violências; a violência no entorno da escola, afetando as relações interpessoais e o uso de armas e drogas; e a violência da escola geralmente institucional e simbólica, agressões físicas e psicológicas. A autora amplia sua classificação ao sintetizar as determinantes e consequências da violência escolar, apresentadas na Figura 3:

Quanto às determinantes:	
- Fatores biológicos;	- Fatores pessoais;
- Fatores familiares;	- Fatores sociais;
- Fatores cognitivos;	- Fatores ambientais.
Quanto às consequências da violência:	
- No corpo discente:	
- <i>Disrupção;</i>	- <i>Disaffection;</i>
- Absenteísmo (falta de assistência às aulas);	- Desencargo pela escola;
- Queda do rendimento escolar;	- Queda da autoestima;
- Evasão escolar;	- Retenção escolar;
- Falta de perspectiva de futuro via educação e descrença no poder público;	- Problemas somáticos e psicológicos (ansiedade, tédio, depressão).

Figura 3 - A violência escolar quanto às determinantes e consequências.

Fonte: Fante (2011, p. 44).

Ainda segundo a autora, outra classificação da violência escolar seria quanto os fatores determinantes, o que influenciaria na prática de violência dentro da escola, como fatores biológicos, familiares, pessoais e sociais, além de listar algumas das consequências conhecidas no que se refere à violência no âmbito, como a evasão escolar, queda de rendimento escolar e o que mais preocupa, o aparecimento de problemas psicosomáticos. Nessas classificações percebe-se que a autora destaca o fenômeno bullying, quando trata de violência complexa, e dessa forma iremos esclarecer e declarar que o bullying é uma violência escolar, mas que nem toda violência no âmbito escolar trata-se de bullying.

Bullying

A palavra Bullying surgiu do termo “Bully” da língua inglesa, que segundo Silva (2015, p. 117), quando usada como substantivo quer dizer ‘tirano’, ‘valentão’ e como verbo significa ‘brutalizar’, ‘amedrontar’ ou ‘tiranizar’. Para Fante (2005, p. 29 *apud* Ramos, 2009), o bullying é visto como um “um comportamento cruel e intrínseco das relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, com o propósito de maltratar e intimidar”. O Bullying, portanto, é um fenômeno de alcance mundial que se faz presente em vários segmentos sociais, principalmente em instituições de ensino, que são ambientes que iniciam na vida da criança os processos de desenvolvimento na aprendizagem e inclusão em ambientes sociais, e esse fenômeno pode interferir nesses processos.

Segundo Lopes Neto (2007, p. 51), o bullying é a união de diversos “comportamentos agressivos marcados pela assimetria de poder e pelo caráter repetido com que ocorrem, sempre com a intenção de ferir física ou moralmente”. O termo é usado mundialmente para determinar um fenômeno social, e não apresenta palavra correspondente no Brasil, apresentando outros termos em outros países, que igualmente definem como um conjunto de agressões verbais ou físicas sem motivos e fruto da enorme vontade de dominar, humilhar, e mostrar poder sobre o próximo.

Geralmente, as vítimas desse fenômeno social são pessoas que apresentam alguma insegurança e que se isolam socialmente, se tornando vítimas fáceis para os agressores, e de maneira expressiva não conseguem defender-se dos atos, muitas das vezes preferem suportar caladas as violências, para que não despertem ainda mais agressões por parte do vitimador.

Nos meios legais no Brasil, é instituído na Lei 13.185, de 06 de novembro de 2015 o Programa de Combate à Intimidação Sistêmica (Bullying), sendo também estabelecido um importante conceito em seu parágrafo 1º do art. 1º, definindo que:

No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (Brasil, 2015, p. 75).

A Lei 13.185/2015 surge como ferramenta da Justiça Brasileira, com intuito de extinguir o bullying através da legalidade, estabelecendo um Programa de Combate à Intimidação Sistêmica em todo território nacional, para que seja difundido o conceito e ocorra a devida conscientização nas escolas e famílias, visando que sejam garantidos os direitos, e que também sejam combatidas as ações que correspondam ao fenômeno. Visando uma melhor definição e para que haja uma boa informação, a lei também estabelece em seu artigo 2º, as características do bullying, em que:

Caracteriza-se a intimidação sistemática (bullying) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - Ataques físicos;
- II - Insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - Ameaças por quaisquer meios;
- V - Grafites depreciativos;
- VI - Expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias (Brasil, 2015, p. 1).

Para o dispositivo da lei apresentado, é de fundamental importância estabelecer também os meios pelo quais o agressor pode vir a praticar o bullying, como tende a camuflar atitudes de violência verbal e moral em situações corriqueiras ou pontuais, o uso de forças físicas para intimidações e entre outras situações, utilizar-se de sua ‘força’ para bloquear a vítima dos grupos sociais existentes na escola. Por isso, faz-se necessário essa abordagem jurídica, em que fica publicado por lei que atos físicos ou morais praticados contra uma pessoa podem ser interpretados como forma de bullying, portanto um crime. Para a lei, são constituídos em seu art. 4º, quais os objetivos a serem alcançados.

Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no caput do art. 1º:

I - Prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (bullying) em toda a sociedade;

II - Capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;

IV - Instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;

[...]

IX - Promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (bullying), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar (Brasil, 2015, p. 3).

O referido artigo da Lei 13.185/2015 traz como objetivos a serem alcançados, situações que visam o combate e prevenção da violência escolar em geral, e especificamente o bullying, com capacitações de docentes e equipes dentro das escolas, campanhas de educação e conscientização para toda a comunidade a serem espalhadas pelas diversas formas de comunicação em massa, para que dessa maneira promova a garantia da plena cidadania e o respeito. Esse dispositivo legal veio também para dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores, realizar a promoção da capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua. E o mais importante, é que a lei não chegou para punir os agressores, mas de fato para extinguir o bullying com diversas ferramentas, focando na mudança de comportamento desses agressores.

O ambiente escolar

A escola é sem sombra de dúvida, uma garantia de direitos constitucionais e deve ser propício ao aprendizado, visando à formação de alunos para exercerem suas cidadanias, e também como pessoas que convivam em ambiente social, além de formação técnica-profissional deles para que possam atuar futuramente no mercado de trabalho. Para tanto é assegurado pela Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu art. 22 que:

[...] a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (Brasil, 2015, p. 18).

Dessa maneira é fundamental que seja seguido rigorosamente esse dever da escola e do estado, não podendo se desviar do que é esperado na formação básica fornecida nesse ambiente.

Durante a formação escolar temos uma longa caminhada, sendo importante ressaltar que grande parte dessa caminhada se faz no ensino fundamental, por se tratar dos primeiros passos educacionais e de convívio social dos alunos, e por se passar em períodos de mudanças na vida deles. Para Fante (2005), a palavra Bully define o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão, e conceitua os comportamentos agressivos e antissociais utilizados diante de estudos sobre violência escolar. Ou seja, segundo a autora, o indivíduo que pratica tal violência tem consciência da sua atitude e das consequências que ela pode ocasionar.

Quando a escola falha em seu papel, e não consegue conter a desarmonia que existe, se isolando, ela quebra os laços com a sociedade à sua volta e permite o agravamento dos problemas que recorrem diariamente, como conflitos, os despreparos de seus alunos e profissionais, a violência escolar etc. Segundo as autoras citadas, é uma situação a ser discutida, com temáticas que abranjam problemas que envolvam os alunos, como a existência de violências nas ruas, nas casas, na televisão, causadas por problemas diversos, e nesse cenário a escola não deveria se abster de sua responsabilidade, não devendo simplesmente ignorar, portanto, é imprescindível sua intervenção em assuntos que possam influenciar os alunos.

Dessa maneira, é evidente que a escola seja um ambiente propício ao aprendizado cognitivo, cultural e social, claro, não focando apenas em transmitir conhecimento científico, mas em trazer em sua metodologia ferramentas que trabalhem o aspecto cultural e social da criança e do adolescente, que seja um local de reflexão e que o conhecimento possa extrapolar a barreira do apenas “receber”, criando-se um momento de troca de saberes, discussões e que o pedagogo, atuando como professor, realmente venha conhecer os seus alunos.

Atualmente as instituições de ensino “tem como finalidade promover a formação integral do aluno para que tenha condições de enfrentar a vida adulta de forma equilibrada, tanto em relação ao aspecto pessoal, como o social, o familiar e o profissional”. Nesse sentido é fundamental que ocorra a efetivação de um ambiente desse calibre, podendo ser enfatizado que a não efetivação pode significar aparecimentos de casos de violências e problemas na vida escolar, devido à fragilidade nas relações sociais e no completo desrespeito da humanidade do próximo.

Uma instituição como a escola, agrupa grupos diversificados que estão voltados para objetivos que devem ser comuns, mas, esses objetivos somente são alcançados quando a escola está organizada com normas e regulamentos de funcionamento, com um detalhe: que realmente funcionem. Porém, quando reconhecemos que a escola é também um espaço de violência – o que realmente não deve ocorrer pois a escola tem muitas prioridades a serem seguidas além da transmissão de conhecimentos científicos –, destina-se também ao exercício da ética, do diálogo e à formação da cidadania.

Infelizmente, quando a escola acaba se isolando dos reais problemas da sociedade, são perceptíveis os crescimentos de casos comuns da vida adulta, como o comportamento violento de caráter físico e verbal. Tais comportamentos para a autora tendem a se originarem de diversos fatores externos à escola, como família, comunidade e a própria interação do aluno com o mundo social que o envolve. Vale ressaltar que um tipo de violência escolar muito comum nas instituições de ensino, é o bullying. O bullying é um problema mundial, e pode ocorrer em qualquer contexto no qual as pessoas interajam, tais como escola, faculdade/universidade e família. Nas escolas, esse tipo de agressão geralmente ocorre em áreas onde a presença ou supervisão de pessoas adultas é mínima ou inexistente.

A escola está inserida nesse cenário de violência, que atualmente tem englobado toda sociedade e que tem se intensificado, afetando a vida na escola. Para que no ambiente escolar haja o combate da violência de todas as maneiras, é preciso que os profissionais da educação façam suas partes e procurem primeiramente se capacitarem para poderem enfrentar situações como a de violência e consigam de maneira eficaz tratá-la e resolvê-la, e além da capacitação individual a escola deve promover capacitações coletivas para garantir que aconteça esse ponto, e que todos atuem em busca da promoção de solidariedade, tolerância e respeito.

As características do bullying

Os tipos e formas de bullying

Segundo o artigo 3º da Lei 13.185/2015 são classificadas como ações de bullying contra uma pessoa, as intimidações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais e virtuais, descritas a seguir:

Art. 3º A intimidação sistemática (bullying) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

I - Verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;

II - Moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;

III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;

[...]

V - Psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;

VI - Físico: socar, chutar, bater (Brasil, 2015, p. 2).

Dessa maneira, pode ser classificado entre a agressão verbal, que geralmente é caracterizada pelo uso de insultos e ofensas, como gozações e apelidos pejorativos; e a agressão física que ocorre sobre o uso da força, como chutes, espancamentos, brigas ou outras atitudes agressivas, para que possa machucar e reprimir a vítima. No que refere ao ato psicológico ou moral, o agressor geralmente objetiva-se em ridicularizar e humilhar, para isolar a vítima dos demais colegas, muitas vezes espalhando bilhetes ofensivos ou ameaçadores, com mentiras e discriminações para que possa perseguir a vítima. O agressor ou agressores são aqueles que praticam o bullying, normalmente por um aluno-líder que vitimiza o mais fraco, de maneira repetitiva ele humilha, intimida, zomba, muitas vezes de um indivíduo por ser diferente, usar óculos, ser o mais inteligente, ou por ter alguma deficiência, ele se mostra sempre o mais forte entre os colegas, suas ações são vibradas e admiradas por muitos, pela sua grande coragem. No entanto, as ações desse aluno-líder são decorrentes de alguma desestrutura familiar, que o influencia; ele poderá se tornar um adulto antisocial, violento, delinquente, criminoso, podendo ser reflexo de agressões já sofridas em seu convívio familiar, e observando com naturalidade esses comportamentos agressivos, tem a intenção de mostrar superioridade, de poder, se achando melhor ou mais forte que qualquer outro.

Formas	Exemplos
Verbal	Xingamentos, apelidos, insultos, insinuações.
Moral	Atentado à honra, difamação, discriminação em razão de sexo, idade, opção sexual, deficiência física, doença.
Psicológico	Perseguição, intimidação, chantagem, ameaça de morte.
Físico	Agressão através de empurrões, socos, chutes.
Sexual	Abusar, violentar, assediar a vítima.
Material	Furto de material e pertences, dano a veículos.
Virtual (Ciberbullying)	Divulgar imagens não autorizadas pela vítima, criar comunidades para depreciação da imagem do professor, pedagogo ou do aluno, enviar mensagens invadindo a privacidade e intimidade da vítima.

Figura 4 - Formas de manifestação do bullying.

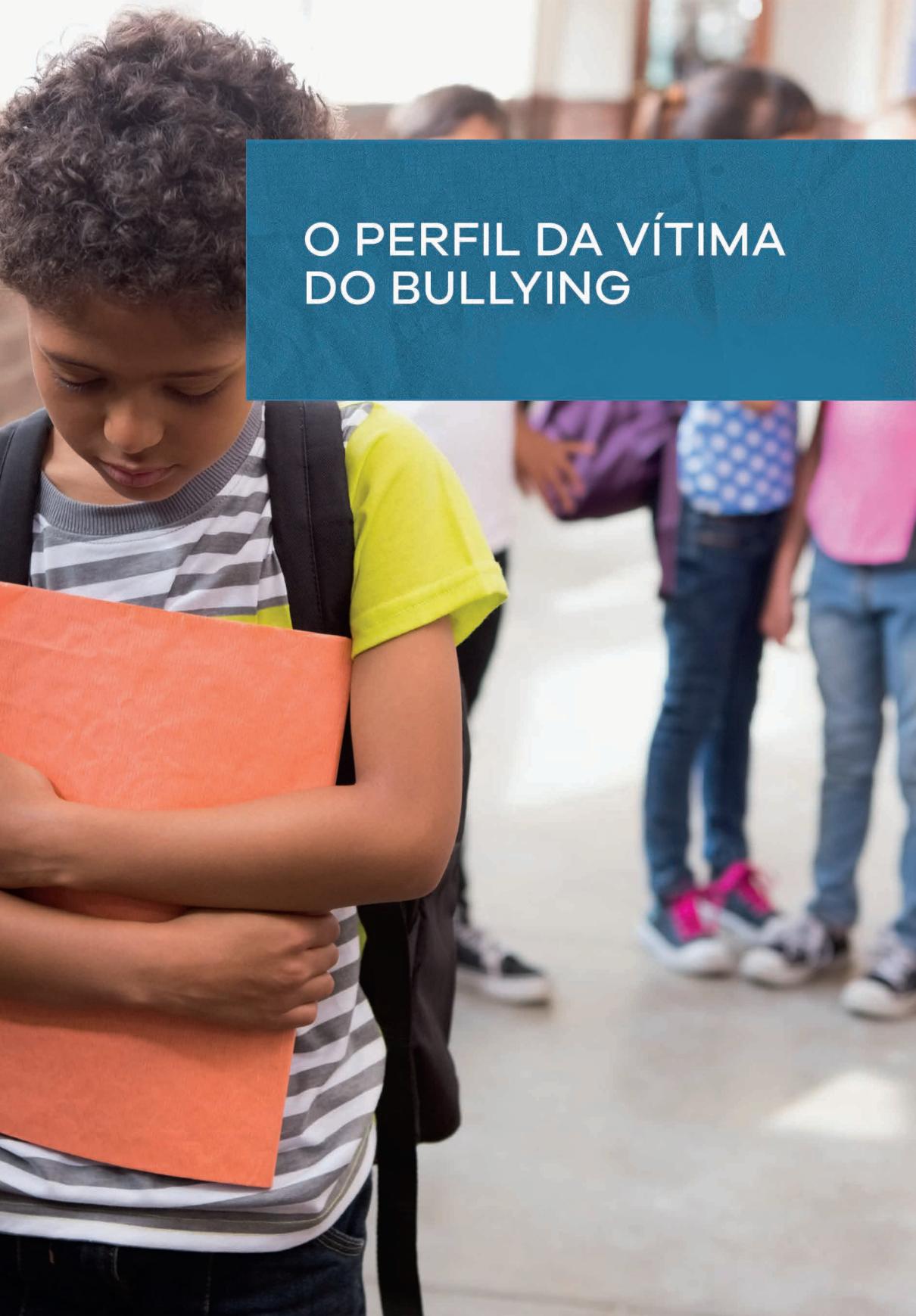
Fonte: Alkimin (p. 8).

OS ENVOLVIDOS NO BULLYING: VÍTIMA, AGRESSOR, ESPECTADOR, PEDAGOGO E A FAMÍLIA



Vale ressaltar a necessidade de fazer a devida definição dos personagens do bullying, isto é, características e perfis deles, a vítima, o agressor, o espectador, o pedagogo e a família. Todos colaboram de alguma maneira para ocorrências de violência na escola, e assim como todos também podem contribuir para combater o bullying.

Para melhor entendimento de como ocorre o bullying precisa-se verificar quais os perfis do envolvidos. Os perfis dizem muito sobre os indivíduos, e pode-se verificar os envolvidos: como a vítima e sua forma de se portar em várias situações; os agressores com sua constante exaltação; os espectadores e seu envolvimento indireto e como se sentem ameaçados; o pedagogo como profissional; assim como o professor e a família que podem prestar ajuda aos vitimados. Visando a melhor contribuição, serão apresentados os perfis de cada um dos envolvidos.



O PERFIL DA VÍTIMA DO BULLYING

Quando se discute sobre violência é interessante haver a verificação dos envolvidos, dentre esses, a vítima é um dos principais, pois é quem recebe o produto da violência, perfil atribuído às vítimas do bullying, ou seja, suas características físicas, emocionais e sociais, dessa maneira torna-se possível perceber quem são os alvos e como os agressores tendem a subjugá-los por acharem que são mais frágeis e de fácil controle.

A vítima, com o passar do tempo recebendo agressões e sofrendo com todas as ações de violência escolar, seja ela física ou moral, tende a apresentar comportamentos alarmantes e que prejudicam ainda mais o seu estado de saúde. Essa situação pode perdurar da vida escolar da vítima e permanecer por toda sua vida, ocasionando desde problemas sociais a psíquicos, o que atrapalha a vítima em conseguir desempenhar funções e resolver situações corriqueiras na vida cotidiana. As vítimas geralmente apresentam uma série de sintomas e sinais de que se tornaram alvos de atos de violência, que são apresentados a seguir:

SINAIS E SINTOMAS POSSÍVEIS DE SEREM OBSERVADOS EM ALVOS DE BULLYING		
• Enurese noturna	• Isolamento	• Queixas visuais
• Alterações do sono	• Tentativas de suicídio	• Síndrome do intestino irritável
• Cefaleia	• Irritabilidade	• Resistência em ir à escola
• Dor epigástrica	• Agressividade	• Tristeza
• Desmaios	• Ansiedade	• Anorexia
• Dores em extremidades	• Depressão	• Relatos de medo
• Paralisias	• Pânico	• Transtornos fóbicos
• Hiperventilação	• Queda do rendimento escolar	• Perda da memória

Figura 5 - Sintomas das vítimas do bullying.

Fonte: Lopes Neto (2007, p. 23).

Com essa tabela apresentada podemos perceber que são inúmeros os comportamentos ditos negativos que podem ser observados nas crianças vítimas do bullying. A partir da percepção desses comportamentos, os pedagogos, professores, gestores e familiares devem acompanhar mais atentamente a vida da criança não apenas como medida de proteção, mas sim como atitude que deveria ser normal.

O perfil do agressor

No bullying, outro personagem de relevância e tratado como vilão é o agressor, justamente por seu perfil agressivo. Os agressores geralmente são pessoas que têm pouca empatia, por pertencerem a famílias desestruturadas podem apresentar atitudes desrespeitosas, são definidos como aqueles que vitimam os mais “fracos”, podendo ser do sexo feminino ou masculino. Por característica, os agressores são populares em sua maioria, e manifestam-se agressivos inclusive com os adultos, são impulsivos, e têm opiniões positivas sobre si mesmo, são geralmente mais fortes que seu alvo, e sentem prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros.

O agressor é o indivíduo que sente orgulho de ser impiedoso, mau caráter e impulsivo, e sempre busca se mostrar superior a todos, mesmo que para isso tenha que agir de maneira agressiva e não cumprir regras mais comuns, além de não conseguir ser contrariado. Quer ser tratado como líder e com muito respeito por aqueles à sua volta sendo uma maneira de se vangloriar.

Para melhor exemplificação do perfil do agressor, apresentamos o seguinte quadro, com sintomas e sinais que geralmente são observados em indivíduos identificados como agressores.

SINAIS E SINTOMAS POSSÍVEIS DE SEREM OBSERVADOS EM AUTORES DE BULLYING	
• Alterações de comportamento	• Falência escolar
• Consumo de álcool	• Hiperatividade
• Consumo de drogas	• Déficit de atenção
• Maus-tratos	• Agressividade
• Vulnerabilidade genética	• Desordem de conduta
• Comportamento de risco	• Depressão
• Lesões cerebrais pós-trauma	• Dificuldades de aprendizado

Figura 6 - Sintomas a serem observados nos agressores.

Fonte: Lopes Neto (2007, p. 23).

Tais sintomas e sinais utilizados pelo autor para identificar o agressor em meio à sala de aula, a princípio, não compete somente ao pedagogo, mas também à família, devido a alguns sintomas não serem possíveis ao pedagogo visualizar em sala de aula, como o consumo de álcool e outras drogas, além de agressões sofridas por ele. O pedagogo nesse meio serviria para identificar, relatar e ajudar no combate às ações de bullying.

O espectador

No fenômeno bullying, outros personagens também sofrem com a situação da violência escolar, mas nesse cenário de violência o espectador está em segundo plano. Nesses atos violentos existem muitos envolvidos, estando os espectadores mais próximos, e geralmente assumem esse papel por medo de se tornarem as próximas vítimas. Esses alunos tidos como observadores sofrem com o medo e a dúvida de prestar apoio às vítimas, e não sabem como agir, não se permitindo tentar acreditar na capacidade e no interesse da escola em sanar o problema. O desempenho escolar pode cair, pois a atenção dos adolescentes passa a ser dirigida para as atitudes agressivas praticadas e sofridas por seus colegas.

Por mais que não pareça, e que não esteja envolvido diretamente, o espectador carrega em suas mãos a possibilidade de ajudar as vítimas do bullying, mas opta por não confiar também na ajuda que a escola pode oferecer, praticando a omissão. A omissão só faz “alimentar a impunidade e contribuir para o crescimento da violência” ajudando o agressor a conquistar ainda mais espaço nesse meio e o amparando a manter fechado todos esses atos de violência aos olhos dos pedagogos.

PEDAGOGO COMO DOCENTE, PROFESSOR E O BULLYING



O Pedagogo, como profissional de educação e professor, é o elo mais próximo dos alunos com a direção escolar, é quem acompanha o desempenho e verifica as capacidades deles. Na escola, acima de todos os profissionais ali atuantes, é dever primordial do pedagogo de fazer com que ocorra realmente a prevenção do fenômeno bullying, devido essa situação acontecer dentro de sala de aula, isto é, no seu local de atuação. Segundo Fante (2011, p. 169), é muito importante que ele intervenha a fim de impedir a proliferação da violência escolar. Contudo, para que o pedagogo assim como o professor tenham a capacidade e a percepção de poder identificar, tratar e solucionar tal problema, esses profissionais devem ser capacitados, seja em sua formação acadêmica ou em formações continuadas ao longo de suas carreiras, visando ter conhecimento para atuar na melhoria do ambiente escolar e das relações interpessoais.

A autora critica a formação de profissionais de educação, pois para ela existe uma falha em suas formações, em que eles não são preparados para situações como violência escolar, ou seja, muitas das vezes o pedagogo se forma na faculdade, sem saber como atuar corretamente, e quando precisa optar por uma conduta mais passiva ou não. No âmbito escolar é grandemente necessário que o pedagogo desenvolva ações de solidariedade, tolerância e respeito às características individuais.

No cenário atual da sociedade a violência é alarmante, e quando esse ato ocorre dentro da escola passa a ser um problema dos profissionais da educação que ali atuam, e assim tem-se uma situação que afeta todos negativamente. Para Alkimin (2011, p. 26) ocorre “um sentimento de impotência, medo e insegurança, afetando a pessoa do pedagogo nos seus atributos pessoais e profissionais, tornando-se um grande mal não só para o professor como também para o aluno”, a violência na escola afeta a todos, mas em sua maioria os alvos são os alunos, e por esse motivo há muitas cobranças dos profissionais da educação.

Dado o valor desse profissional no combate à violência escolar, é estritamente importante que esteja em constante capacitação e que seja empático a ponto de tentar entender o que acontece em sala de aula com seus alunos. Para a autora, os pedagogos são os indivíduos que lidam e que resolvem efetivamente os casos de bullying dentro do âmbito escolar, cabendo à instituição escolar de maneira geral se aperfeiçoar para aprender técnicas de intervenção e a comunicação com outras instituições, como a família, centros de saúde e conselhos tutelares, para que não ocorra de maneira efetiva o bullying.

A família e a violência escolar

A família é sem precedente uma das maiores instituições sociais da sociedade, e na vida de um indivíduo é muito importante o primeiro contato com a sociedade, pois nela são aprendidos inúmeros conceitos para vida, como respeito, empatia e solidariedade entre outros, ou seja, são os primeiros passos do ser humano dentro da sociedade geral. Dessa maneira, comprehende-se que a criança seria educada pela família e preparada para conviver em sociedade de forma harmoniosa, sendo empática e capaz de respeito ao próximo, educação essa a ser complementada pela escola, porém, não é assim que ocorre com alguns alunos que não recebem essa educação, apresentando comportamentos totalmente descontrolados.

Portanto, a tarefa primordial da família é garantir que os filhos recebam educação e que cresçam capazes de conviver na sociedade, que pensem no direito do próximo e saibam respeitar as diferenças. Porém, quando ocorre alguma falha nesse processo, o dever que pertence à família é transferido instantaneamente para escola, que precisa desempenhar esses conceitos na vida do aluno durante o período escolar, isto é, quando conseguem. Para tal, essas falhas na transmissão desses ensinamentos podem ocasionar inúmeros problemas para vida do aluno, seja ele o agressor ou a vítima, nos levando a conhecer as consequências do bullying.

AS CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING



A prática do bullying dentro das instituições de ensino pode causar consequências a todos os envolvidos, porém, quem mais sai prejudicado são as vítimas que acabam contraindo efeitos que podem extrapolar muito além do período escolar. O bullying “pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízos para sua saúde física e mental”, e se torna ainda mais ameaçador quando são apresentadas suas consequências de longo prazo na vida dos envolvidos.

Para o autor, as crianças que sofrem atos de violência escolar, caracterizados como bullying, estão mais propensas a sofrerem danos temporários e permanentes à saúde, tais como: depressão, ansiedade, irritabilidade, insônia e estresse entre outros sintomas.

Por esse motivo, a autora disponibiliza algumas consequências do bullying, o que pode ser visto no quadro a seguir:

CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING	
Sintomas Psicossomáticos	Transtorno do Pânico
Fobia Escolar	Fobia Social (Transtorno de Ansiedade Social – TAS)
Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG)	Depressão
Anorexia	Bulimia
Transtorno Obsessivo- Compulsivo (TOC)	Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT)

Figura 7 - Consequências do bullying.

Fonte: Silva (2010, p. 13).

se contrair desde sintomas psicossomáticos, seja físico, como dor de cabeça, cansaço crônico, insônia, tremores e entre outros, a também transtornos do pânico, em que o indivíduo é tomado por sensação de medo e ansiedade, por depressão, pela anorexia que é basicamente pavor em engordar e a bulimia que seria a ingestão nervosa e compulsiva de alimentos, além de poder chegar a um quadro de esquizofrenia e possivelmente também ao suicídio ou homicídio.

Portanto, um detalhe inesquecível e marcante ao se pesquisar sobre as práticas do bullying no ambiente escolar e suas implicações na vida dos envolvidos, é ser possível visualizar as inúmeras consequências a serem enfrentadas pelas vítimas, e que são geralmente preocupantes, devido sua complexidade e a possibilidade de agravamento. Para tal, a situação exige dos envolvidos tratamentos e muita dedicação em superar todos os momentos que sofreram nas mãos dos agressores.

O bullying se torna um dos maiores problemas dentro da escola, justamente por conduzir as péssimas relações interpessoais para a vida dos envolvidos, os afetando e machucando, não apenas com feridas físicas, mas com situações que os abalam para a vida toda, atrapalhando no correto crescimento do indivíduo, que sofrerá com os frutos da violência escolar.

A análise do fenômeno bullying atualmente é um problema alarmante na sociedade, principalmente no âmbito escolar, uma vez que é um ambiente de pessoas em formação em todos os sentidos, e a escola vem sendo um berço para que os cidadãos do futuro tenham contato com as diferenças que existem e tenham ciência de que devem ser respeitadas.

O trabalho focou-se na análise e verificação do bullying inserido no processo de aprendizagem na educação da criança na escola verificando o perfil do agressor, vítima, testemunha, pedagogo e da família, assim como também, o modo que se é praticado o bullying direto ou indiretamente, suas manifestações, suas origens, características, perfis dos envolvidos, ambiente escolar e consequências.

A escola é um ambiente vasto e como existem muitas pessoas de diferentes personalidades e por ser um local grande, muitas das vezes os atos de violência passam despercebidos pelos olhares dos pedagogos, justamente pelo fato de muitas das agressões serem realizadas em horários de grande dispersão de alunos, e acontecerem em locais reservados ou em meio às brincadeiras, mascarando a realidade da vítima. É perceptível nos estudos e na convivência escolar que atos de violência que poderiam ser levados com mais seriedade, em alguns casos, ainda são automaticamente taxados, ou melhor, banalizados, muitas vezes tratados como apenas brincadeiras de criança, coisa da idade.

Quando se foca em estudar a fundo o bullying dentro da escola, deve-se ter em mente que por mais que pareça, não é um problema simples, devido nos depararmos com inúmeras situações que implicam diretamente para que atos de bullying ocorram. Porém, devemos seguir por partes, um fator importante está na vida dos alunos e quais fatores que os influenciam, como é sua relação com familiares e com a comunidade que está incluída, portanto existem muitas perguntas sobre o perfil comportamental, e sem dúvidas deve ser discutido. Outro fator a ser observado está nas relações interpessoais dentro da instituição: se a direção escolar está preocupada em manter a escola sempre em harmonia; se o pedagogo tem conhecimento do problema que se faz presente em sua turma; se a escola é um local de muitos problemas relacionais.

Pode-se destacar nos estudos do bullying inúmeros problemas consequentes da prática dessa violência. A existência do bullying pode significar na sala de aula muitos problemas relacionais devido à presença do agressor, que por sua atitude

autoritária e agressiva pode ocasionar medo e numerosos outros problemas nas vítimas e nas que não são como, por exemplo, os espectadores. Essas situações de constante bullying tendem a atrapalhar nos desempenhos dos alunos, e nas relações escolares dentro e fora da sala de aula. Basicamente, os alunos que lidam com o bullying sofrerão com esses atos por muito tempo, e necessitarão de ajuda para superar as violências sofridas.

O processo de identificação da vítima pode ser trabalhoso, devido muitas das vezes elas sofrerem violências veladas e intimidações, ou seja, o aluno vitimado com medo de aumentar seu sofrimento seja físico, moral ou psicológico acaba protegendo o agressor, ocultando a existência dessas agressões; o agressor por sua vez usa de suas forças e influência para ‘dominar’ o vitimado, e realmente a maioria mantem-se calada.

Portanto, para que se tenham intervenções e que os pedagogos e a direção possam atuar de maneira eficaz é fundamental que a vítima se sinta segura para procurar ajuda tanto com o pedagogo como profissional da educação, devido sua grande importância na formação deles, quanto com a família em seu convívio diário. A pesquisa desenvolvida teve grande valia, pois permitiu que fosse analisado como ocorrem as agressões e a existência de fatores que influenciam nas violências oriundas do bullying, se pôde verificar a visão dos alunos quanto à temática e possibilitou identificar possíveis alunos que sofrem ou sofreram com a violência escolar, e como visualizar as consequências e as próprias soluções para o problema.

Bullying e Tecnologia: O Desafio da Educação. A tecnologia transformou a maneira como vivemos, aprendemos e nos comunicamos, fato que abordamos no início do livro. Oportunidades, juntamente com desvantagens, como o bullying, também surgiram. Problemas ruins então se tornam frequentes, mas esses são problemas de longa data; é a tecnologia que os piora ao espalhá-los e amplificá-los com o aumento da conectividade. Vamos olhar para o papel que a tecnologia desempenha no bullying e como isso afeta os jovens, incluindo suas vidas online e casos de bullying online.

Tecnologia e Bullying. A tecnologia facilitou o assédio de diferentes maneiras. Redes sociais permitem que muitas pessoas encontrem uma conexão que não estava disponível no mundo real antes, e podem ser usadas para espalhar rumores de um tipo ou de outro, ferir sentimentos junto com fotos degradantes.

Cyberbullying – bullying que ocorre online – é mais difícil de reconhecer e prevenir do que acontece em circunstâncias normais. E-mails, mensagens de texto e videochamadas são outros dispositivos de intimidação e humilhação. Como a tecnologia tornou possível que esse bullying online se tornasse viral, é mais difícil descobrir quem é o autor por trás do bullying, e ainda mais difícil descobrir se a vítima realmente os conhece.

O que o Bullying Online está fazendo com a Vida dos Estudantes – e Como Isso os Muda? O bullying online pode deixar os estudantes genuinamente devastados. Pode resultar em distúrbios – ansiedade, depressão, até suicídio. Isso contribui, para dizer o mínimo, para a baixa autoestima das vítimas e as desmotiva academicamente e socialmente no ambiente escolar. Vítimas de bullying online também podem ter dificuldades para construir círculos sociais e fazer amizades com seus colegas, assim, acham difícil se conformar em ambientes sociais. Os problemas associados ao bullying nas redes sociais são muitos. Os resultados trágicos do cyberbullying são realmente numerosos. Já ocorreu alguns casos, que terminaram com adolescente que sofreram bullying online se matarem, estudantes universitários que também cometeram suicídios após bullying online. O bullying online aqui no Brasil já fez seu caminho por algumas razões bastante tristes. A tecnologia transformou o ensino e a aprendizagem além do reconhecimento. Há um uso crescente de tecnologia nas escolas para melhorar a educação (dispositivos, computadores (online, naturalmente!)) e a tecnologia possibilita que os estudantes possam aprender mais facilmente e de forma personalizada. Mas a tecnologia também é um desafio educacional. É por isso que os educadores precisam entender como usar a tecnologia para o melhor, como ensinar os alunos a usá-la de acordo com padrões bons e seguros.

Prevenção e Intervenção. Prevenção e intervenção são fundamentais na luta contra o bullying online. Crianças e pais devem trabalhar juntos para educar os alunos sobre o uso seguro da tecnologia. E as escolas precisam estabelecer políticas sobre o que é bullying online e dizer a eles que podem denunciá-lo de maneira segura. Os pais devem supervisionar o comportamento na internet de seus filhos e aconselhá-los, bem como seus alunos, sobre as ameaças do cyberbullying. As escolas também devem trabalhar junto com os pais para proteger as crianças na Internet.

CONCLUSÃO



Existem muitas maneiras pelas quais a tecnologia desempenhou um papel no bullying online que não podem ser ignoradas, mas também podem ser usadas para bloquear e prevenir o cyberbullying. E é aqui que as escolas, pais e alunos unem forças para garantir que as ferramentas técnicas sejam seguras e responsáveis. Os alunos precisam ser treinados sobre como usar a tecnologia de forma responsável e segura e precisam de um espaço seguro para relatar o bullying. Mas também há mais razões pelas quais a tecnologia pode ser uma ferramenta poderosa para um fim poderoso do que as pessoas pensam. A educação e as pessoas precisam trabalhar com a tecnologia, e a tecnologia precisa ser empregada positivamente (no caso de educadores, pais e alunos) para o benefício da educação e para proporcionar uma vida melhor para as pessoas.



TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

trajetória e desafios contemporâneos

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- ⬇ www.facebook.com/atenaeditora.com.br



TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

trajetória e desafios contemporâneos

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- FACEBOOK www.facebook.com/atenaeditora.com.br